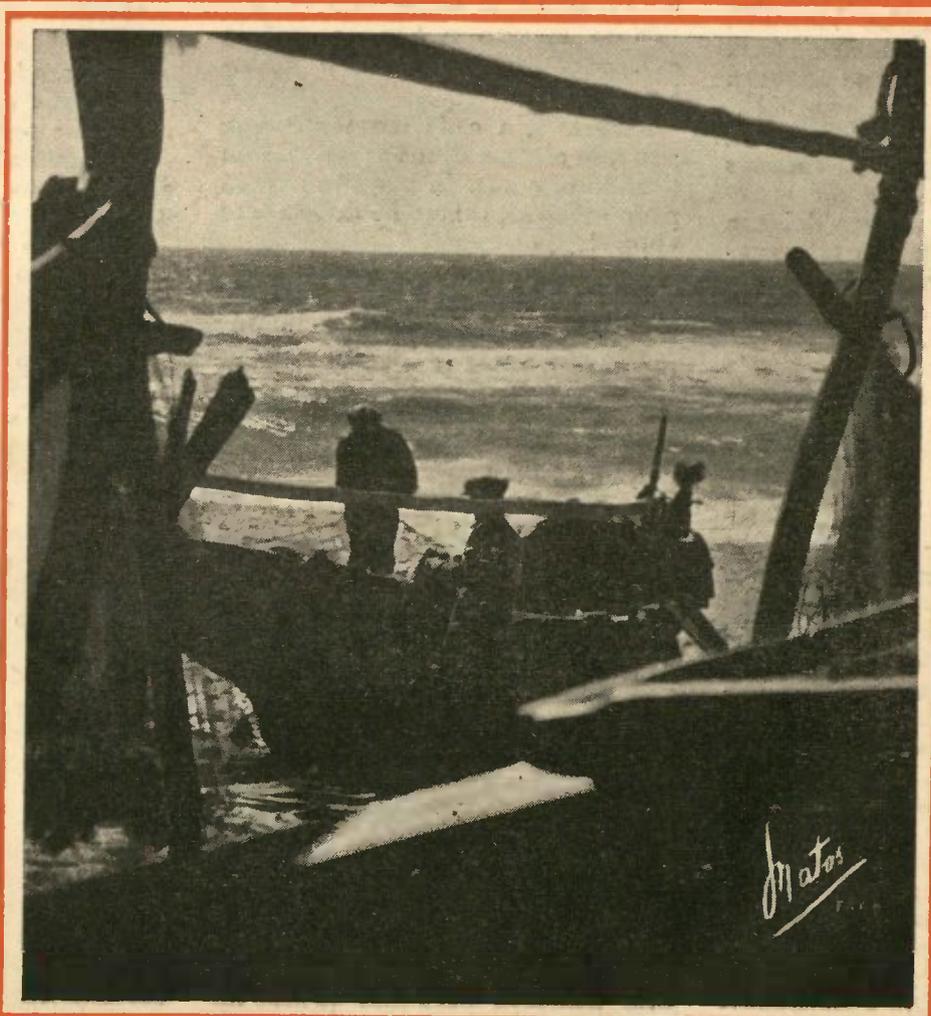


# REVISTA ALGARVIA



MARÇO



# A Boneca de Porcelana

Era débil, franzino — fraca constituição. — E, daí, o seu continuo desgosto; jámais ter filhos.

Sua mulher amava-o e lastimava-o, fazendo tudo o que podia para distraí-lo dessa terrível obsessão que reconhecia debilitá-lo mais ainda.

Mas... não havia remédio: — Ele era fraco, muito fraco...

Ultimamente, essa preocupação ainda mais o assaltava, entristecendo-o e minando-o: é que a mulher, passando deante dum bazar, resolveu comprar-lhe e trazer-lhe, supondo consolá-lo um pouco, uma boneca de porcelana que vira exposta numa das montras.

Era um mimo, essa boneca, feita por mão de mestre, que soubera imprimir-lhe um cunho pessoal...

Parecia, com efeito, natural, aquela boneca de faces rosadas e olhos azuis, muito vivos.

Dir-se-ia que o artista deixara a sua alma e todo o seu temperamento de artista criador naquela boneca maravilhosa, — para morrer em seguida!...

E fora justamente por achá-la perfeita que a esposa a comprara.

— Aqui tens a nossa filhinha querida...

Como ele recordava bem ainda aquela frase, — única que a mulher soubera dizer-lhe, sem ânimo para mais, por ver-lhe nos olhos um brilho vivo, estranho e febril!...

Pegara-lhe. E, ao encarar bem aquela simples boneca, sentiu que ela seria, com efeito, a sua «filhinha querida»; a única que teria, e que jámais lhe seria permitido substituir por uma verdadeira.

Desde então passava os dias inteiros no escritório, saindo apenas raramente. — E olhava apertando-a entre os braços, como que a embalá-la, acariciando-a meigamente, aquela boneca de porcelana — o seu «bébé»...

A mulher começou a inquietar-

Um conto de

LUÍS SELVAGEM

-se, sèriamente, porque ele mal se alimentava já, esquecido, e docemente enternecido, na contemplação da boneca.

E ele continuava a apertar, — apertava sempre, cada vez com mais carinho, — um carinho feroz, quase agressivo, — a boneca de porcelana, fitando-lhe os olhos, mirando-a enternecido, contornando-lhe com os dedos longos e ossudos, o perfil de maravilha ..

Nem mesmo o frio natural da estatueta lhe esfriava o entusiasmo!...

Esperava, a cada momento, que aqueles olhitos vivos se movessem fitando-o, e aquela boquita rosada pronunciasse, infantil e docemente «papá!...»

Era pueril aquela sua esperança, — mas acalentava-a sempre, embora, a si próprio mesmo, ela parecesse irrisória também.

Vivia amarrado à ilusão de que aquela boneca de porcelana era a «sua filhinha querida, que tudo via, tudo entendia e que, em breve, também tudo diria...» — Porque «ela ainda não sabia falar! — Mas aprenderia; e, então... — Então, sim! — Seria feliz, muito feliz, porque o seu bebé já poderia murmurar-lhe docemente ao ouvido: — Papá...»

Um dia, sua esposa, exaltada, desconsolada, mordida por um ciúme feroz, tresloucada, vendotão abatido e temendo um desenlace fatal, — aproveitou-se de uma das suas raras ausências, — e, num gesto de impaciência e cólera, arremessou com força, ao chão, a maravilhosa boneca, que se desfez em mil pedaços; — a boneca que trouxera para dar prazer ao

marido, e que só lhe trouxera, o ciúme desesperado, o desgosto, o terror...

Quando ele regressou a casa e a esposa lhe disse que o creado, ao fazer a limpeza, deixara cair a boneca, estilhaçando-a, — correu logo ao escritório.

Apanhou os pedacitos de porcelana, com infinita ternura; — e, colocando-os sobre a secretária, sentou-se a contemplá-los, pensativo e triste, muito triste...

Fôra afinal a morte traiçoira que lhe arrebatara a filhinha querida, antes mesmo de ouvir-lhe o almejado — «Papá»!...

Morrera antes de aprender a falar...

Um creado entrou.

— Vinha buscar os cacos da boneca que partiu...

Os «cacos!?!... — Pois não seria antes os restos mortais do seu bebé?!...»

O creado apanhou tudo, varreu, — e ele não protestou.

Deixou levar tudo aquilo, inconscientemente, o olhar absorto, — alheado do que à sua volta se passava.

Mas, ao sair do escritório, já à porta, — o creado deixou cair, involuntariamente, dois pedacitos de porcelana, que tombaram quase simultaneamente, e que o servo, cuidadoso, se apressou a apanhar de novo.

E, — caso curioso! — Sensação só sentida por ele!... — o ruído da queda dos dois fragmentos, — pareceu-lhe, bem nítido, um chamamento infantil e doce:

— Pá — pá...

Papá!

Falou! — Falou finalmente! — Chegou afinal a falar!...

Era uma despedida...

E ele parecia doido de contente com aquela «prova».

O ruído da porta fechando-se a saída do creado, chamou-o de novo à realidade.

E, então sorriu.

... Mas nunca ninguém soube ao certo, se aquele sorriso significava pena, ou alívio...

Cândido Corrêa

ALFAIATE

FAZENDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Rua Braamcamp, 84 r/c

Telef. 46297

LISBOA

PEÇA-NOS ou peça em qualquer livraria o melhor romance de 1948!

Almas e Pão

## REVISTA ALGARVIA

Direcção, edição e propriedade de — Joaquim da Silva Marto

Redacção e administração — Rua Brites de Almeida, 18 — Faro

Composição e Impressão

Administração de

Tip. Nascimento &amp; Macedo, Lda.

Cel. do Galvão, 58-A — Lisboa — Telef. 38503

Joaquim Augusto Correia

Toda a correspondência deve ser enviada ao administrador  
Rua Rodrigues Sampaio, 96-3.º Dt. — Lisboa

LANÇAMOS O GRITO!

PORQUE NÃO O

1.º Algarve-Santarém?

Pelo Algarve e por Portugal, dissemos nós quando lançámos o 1.º número da nossa Revista. E dentro deste princípio basilar temos trabalhado sempre, ainda que a jornada, iniciada há pouco, esteja nos seus primeiros passos... — firmes, porém!

Depois do *Concurso das praias do Algarve* — em marcha vitoriosa!, — lançamos outro grito:

— porque não realizar, na presente época e com continuidade!, a primeira jornada desportiva Algarve — Santarém?

O valor da nossa província está bem demonstrado com a actuação dos nossos Clubes no campeonato nacional (I e II Divisão); Santarém teve no Sport Grupo Scalabitano «Os Leões», valioso representante e pode constituir com elementos dos outros Clubes uma forte selecção para defrontar valorosamente a representação Algarvia. Falamos do futebol...

Em basquetebol o embate entre os dois «cincos» constituirá jornada de aplaudir! Em tenis de mesa também não se deixará de aplaudir competição de valor!

Estas três jornadas constituiriam espectáculo grandioso, dando motivo a uma imponente e entusiasta embaixada algarvia — desportiva e turista — á capital do Ribatejo.

Dela, estamos certos, fortes laços de amizade se criariam entre ribatejanos e algarvios, de que

beneficiariam as duas províncias!

A primavera é época linda para se visitar o Ribatejo! O Algarve está sempre florido para receber as suas visitas...

Não sabemos como as partes directamente interessadas acolherão a nossa iniciativa — que ela, porém, merece bom estudo e melhor atenção estamos convictos!

O Ex.º Sr. Governador Civil de Faro é ribatejano e scalabitano e este facto pode constituir estímulo forte para a concretização da idea que apresentamos. A nossa embaixada, presidida por Sua Ex.ª, será recebida de braços abertos na capital ribatejana — os algarvios levando, a Santarém Sua Ex.ª, testemunharão aos scalabitanos a estina e consideração que lhe dedicam.

A oportunidade para a realização de uma bela jornada desportiva não podia ser melhor aproveitada.

Visitando agora Santaaém, os algarvios receberiam os scalabitanos em Maio ou Junho próximo, abrindo um precedente cuja continuidade só benéfica poderá resultar!

Lançamos o grito! Têm a palavra as partes interessadas: — as Associações de Futebol de Faro e Santarém, as Câmaras das duas cidades, as suas Comissões de Iniciativa e Turismo...

Joaquim Augusto Correia

## A Contabilidade

## e o Comércio

Pouco haveria que falar em contabilidade quando as relações comerciais eram simples, isto é, um sistema rudimentar de escrita satisfaria, naturalmente, as exigências do comércio primitivo.

Assim não acontece nos tempos presentes, em que as coisas atingem uma complexidade grande e se perturbam cada vez mais os factores que, directa ou indirectamente, influem na vida mercantil.

As operações a pronto pagamento cedem lugar ao crédito; desenvolve-se o comércio internacional; intensificam-se as relações com os Bancos; surgem relações com organismos corporativos e uma maior complexidade nos impostos; há que resolver problemas de previdência...

Estes e muitos outros factos, que caracterizam o progresso social, mostram, a cada instante, a necessidade crescente da boa arrumação dos registos e dos livros.

Hoje, a contabilidade devidamente organizada tem na empresa uma importância capital.

Assim o verificam os práticos na realidade das circunstâncias; assim o adivinham os teóricos nas leis da ciência patrimonial.

O nosso código comercial não é alheio a esta verdade quando impõe a todo o comerciante a obrigação de ter escrituração mercantil e prescreve alguns preceitos técnicos fundamentais.

Hoje, fala-se muito deste ramo de conhecimento, que tende a desenvolver-se e a conquistar o seu justo lugar a par dos outros sectores do saber humano.

Ciência filha do comércio e que para ele vive, o seu conteúdo há-de constituir a ferramenta mais valiosa de todo aquele que se dedicar a esta profissão.

No que respeita ao conflito existente entre o teórico e o prático é preciso esclarecer que não tem razão de existir. Aqui, como em qualquer outra ciência, a prática e a teoria não são inimigas. São, pelo contrário, dois aspectos de uma mesma ciência, intimamente ligados.

Não há razão nenhuma para que o contabilista fabricado na prática se desentenda com o contabilista teórico. O que parece razoável é

(Continua na pág. 14)

# ALBUFEIRA

*Sua tragédia — Seus planos  
Suas realizações — Seu futuro*

*Aguazela luminosa — Medalha e reverso — Gola Genoveza — Cummings e Franck Capra — Arlequins axadrezados — 1400 contos — Czeta e Lotschberg — Veneza submersa — Tapete de Arraiolos — F. N. A. J. — Jacobety — Dois filhos dedicados.*

Albufeira, na sua feição clara e harmoniosa, lembra um aguarela de Alberto de Sousa, respirando claridades sádias e transparentes.

Explendidamente situada na orla da costa algarvia, impõe a sua praia como instrumento de turismo de apreciáveis condições a par de outros elementos que lhe são peculiares como fonte de atracções para o visitante, sempre sedento de objectivas singulares.

A sua actividade — com medalha e reverso — define as duas épocas da sua vida anual — o trimestre de vilegiatura, rico de cor a oferecer as policromias dos maillots e dos toldos em contraste berrante com as tintas serenas do fundo azul-oiro das suas praias arenosas, onde o mar se vem espreguiçar bordando em franja a baía elegante.

Desde a Praia dos Alemães à do Peneco e do Pé de nosso Senhor, espartilhadas de mirantes de balastradas, debruçados sobre o mar, todas elas recortadas por caprichosas rendas encapeladas e alvententes, obra dos magníficos instantâneos da vaga em fúria, lembram, na minúcia do detalhe, no aspecto do desenho, uma vasta gola genoveza, um punho rendilhado como uma fraze de Julio Dantas.

Nelas há motivos ricos de tons desde as Vénus iodadas — tambucktu autêntico — reproduzidas ao natural das margens idílicas do Pacifico, devidas as relações de Cummings e Franck Capra, aos Cupidos ingénuos e descuidados, devidos a plágios autênticos desses Querubins, de cabelos em filigrana, que decoram os grandes, motivos de escultura gloriosa.

O outro aspecto — o reverso da medalha — é, sem dúvida, o mais profundo, o mais humano e o mais psicológico. Tem o vigor de uma «água forte», de um alto relevo, devido ao buril de Rodin — a faina marítima de um povo laborioso que desce ao mar em noi-

tes tempestuosas para arrancar das suas profundezas o produto do seu trabalho que há-de converter-se em pão, luz e calor para abençoar a alegria sacrossanta do lar.

Drama estóico, drama infinito o desses «lobos do mar», que, pelas noites fustigantes de Dezembro choroso, hesitam entre a voz dos filhos, suplicante, e os raios do oceano nos gritos ameaçadores quando pretende, pela ira, toldar o espaço. «Tá levante» dizem esses arlequins, axadrezados nas vestes, repassados de iodo até ao âmago generoso, remoendo na madeira dos cachimbos requeimados pelas mil e uma noites de vigília, de angústia e de luta íntima.

Na passada invernia, ao agitar do oceano, as montanhas desprenderam as águas mal contidas na albufeira e ei-las que desceram em roldão sonorisante pelas vertentes da serra, inundando a vila ao ponto de lhe dar o desolador aspecto de um dilúvio, de uma Veneza submersa, de uma lezíria ribatejana alagada aos agigantamentos do rio Tejo.

Mas após a procela veio o bom tempo... e a imagem que colhe-

mos desse burgo foi a de uma fortaleza já heróica, que não abandona a sua posição e aproveita as tréguas dadas pelas fúrias dos elementos para se recompor sem pensar na derrota ou na desdita de horas passadas...

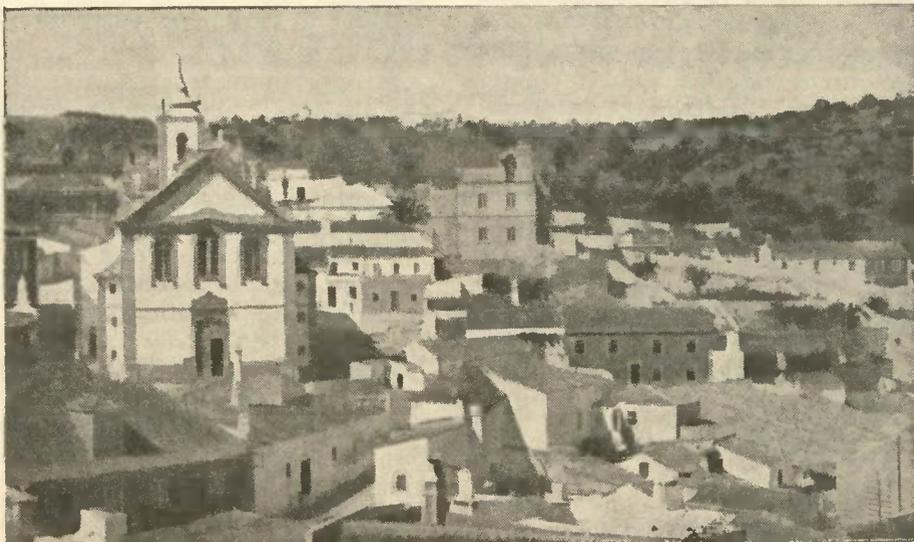
Prepara-se, reedifica-se, abrindo palmos de túnel, rasgado na própria forma — faz Hara-kiri para reviver à sua imensa tragédia convicta de lutar é viver...

1400 contos custará esse S. Gotardo que Albufeira, tal como um pelicano da fabula, se proporia deixar rasgar no ventre jurássico para garantia do pão e do futuro de seus filhos...

De tal maneira a vila deixará de ser aquela «Malta» em risco de submergir se para identificar um «Suez», ligando a maré viva dos escoantes da serra ao Oceano Atlântico.

Essa «Itália» de lagos trágicos, adormecidos, passará a ser uma «Suíça» de montes brancos, floridos de amendoeiras, com Lotschbergs e Simplons a ramificar no seu ventre não uma estrutura paralela de rails, mas as vias de sal-

*(Conclui na pág. 14)*



Uma vista parcial de Albufeira

# Como eu vi o Infantário de Faro

A Revista ordenou-me como serviço uma nova reportagem — o Infantário de Faro. E eu lá fui deabalada, para os lados da Alameda, ver o Infantário.

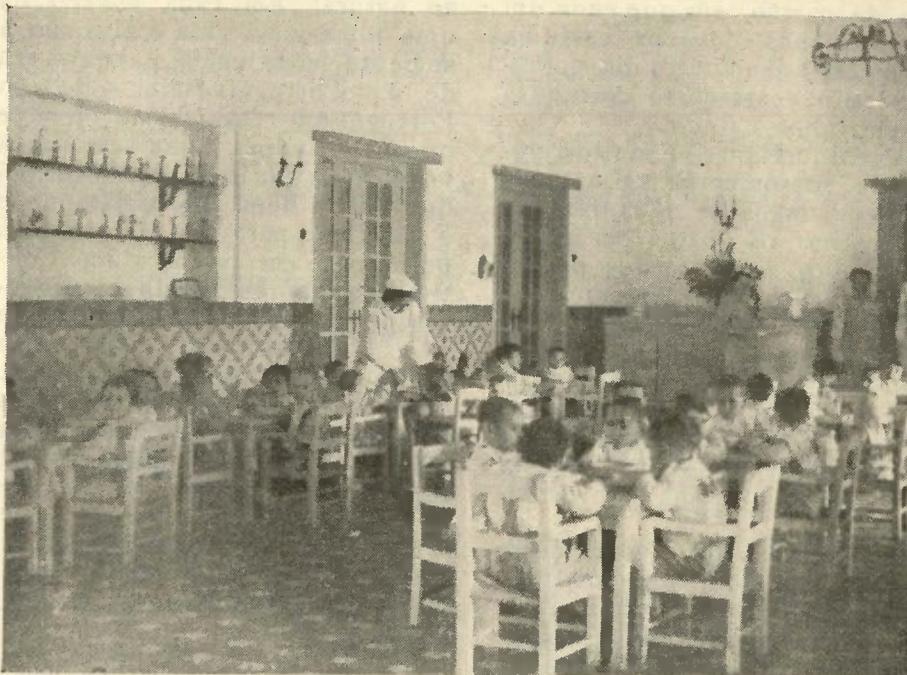
Convivi com ele à sombra dos arbustos imensos, e vi que os seus quatro anos, anos incompletos, não passam de três Primaveras quanto muito...

Eu tenho um filho da mesma idade, que já sabe falar, raciocinar, e o Infantário, na sua pequenez, faz-me lembrar o meu filho no seu gosto pelos brinquedos, pelas coisas bonitas, gritantes na cor — as locomotivas, os cavalos, os tambores e os polichinelos.

Às vezes, sinto-me aquela criança que eu nunca deixei de ser, vou brincar com o meu filho aos combóios, às guerras, a tudo que me ocorre de momento.

Hoje, fui brincar com o Infantário — o pequenino Infantário que nasceu para os lados da Alameda, quase uma boneca a rescender à graça de uma *poupée* de seda, vestida por Poiret...

O Infantário é uma miniatura com todo o seu séquito de pequenino. Mais parece obra de mãos pacientes e delicadas do que uma obra social. A' entrada tive desde logo a impressão de haver penetrado num mundo de fantasia, devido a Gulliver — de um reino de fadas minúsculas, recortadas

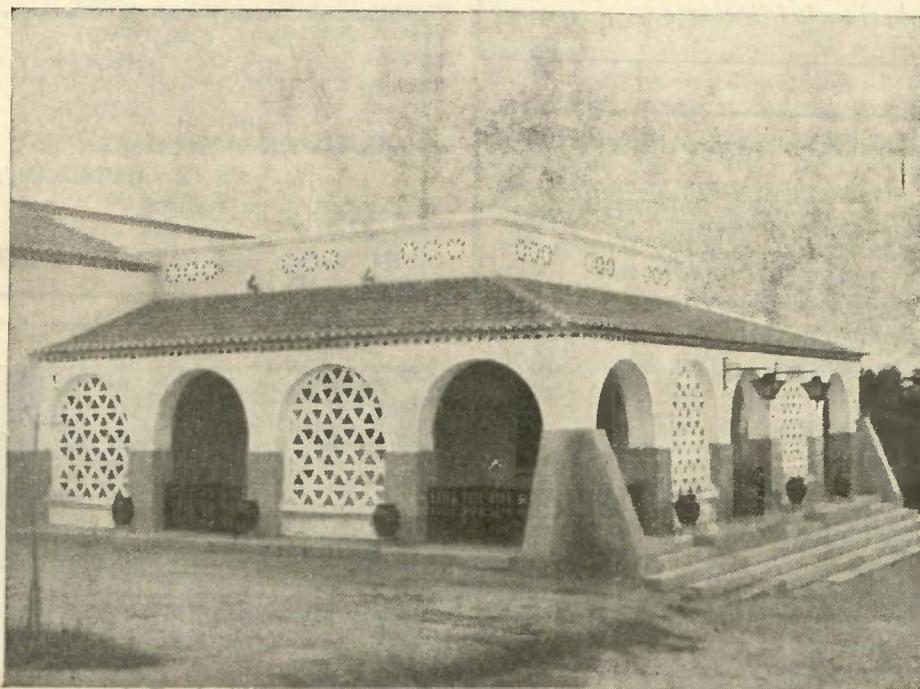


Na hora do refeição...

dos desenhos de Walter Disney. O Infantário (perdoem-me as senhoras dirigentes a veleidade da minha fantasia) é uma imensa caixa de cartão, onde há bonecos e bonecas do mesmo tamanho. Foi comprada num bric-à-brac dessas lojas que vendem construções infantis da Majra, da Bresca ou da Soinca... Como sortido vieram nela bonecos de toda a es-

pécie — de cartão, de trapos, de celulóide, e até de Sévres, L. B. (1714). Uns morenos, tristes, de olhos negros em grande paragonas vestidos de amarelo, maquilhados de tinta de imprensa — autêntico mourisco; outros brancos, loiros, rosados, irriquetos, a lembrar o *Depart pour Chyter* de Watteau, e a inspirar na mulher — século XX a graça do carmim — e a ingenuidade frágil da louça — nórdicos em todo o traço. Todo o sortido tem palmo e meio à imagem de um pelotão de soldadinhos de chumbo, fundidos no mesmo molde de heróis em marcha, na mesma cadência de parada em forma. Todos eles se movem por cordas invisíveis — riem, choram, caminham até nós — um prodígio de bonecos... Há-os bolachudos, para elogio do Infantário, sisudos, traquinos, pensativos nos seus ares de bonecos de pasta, de celulóide e de Sévres...

Creiam, senhoras minhas, que ao vê-las na vossa azáfama de ordenar quatro a quarto esses bonecos em volta das pequeninas mesas de refeição, enquadrando-os no ambiente puramente infantil dessa obra, tive pena de não ser mulher para voltar a ser criança; para me dar ao enlêvo de brincar também, com as vossas *poupeés*, com os vossos polichinelos, movimentando todo o mundo de atractivos em miniatura — que é o



• O Infantário Jordim Nossa Senhora do Fátima

Infantário... E com que enlêvo eu as vi, finda a brincadeira, dobrar cuidadosamente os naperonzinhos, as toalhas, arrecadar as faianças, as mobílias e as caixinhas de cartão, em que cada um dos pequenos bonecos costuma adormecer até ao outro dia, embalados pelo vosso gesto carinhoso de mãezinhas a fingir.

De real (creiam que muito apreciiei) os vossos perfis ao natural, as vossas mãos de fada, fazendo desabrochar os gestos em pão e rosas sobre as mesas dos pequeninos, a recordar na graça, no encanto e no trato delicado e carinhoso quanto as mães são essenciais à obra dos filhos, quer se trate de bonecos ou de creanças em carne e osso, a sério ou a fingir, prodigalizando-lhes a ventura que os seus sorrisos não escondem.

Senhoras minhas! Flores desse bouquet encantador de cinco Marias desta terra, compôsto também de uma Margarida! Mulheres de Portugal que eu um dia cantei em verso no meu geito de simples poeta:

«Mulher portuguesa, gloriosa heroína,  
«Orgulho de ingentes destinos sem par,  
«Na palma direita mostra a nobre sina,  
«Da mãe que seus filhos soubera empenhar  
«Na obra da Pátria, na Causa Divina,  
«Que ficam eternas seu gesto a exaltar  
«Em altos relevos de amor e bondade  
«— Condão venturoso de tanta bondade!

Senhoras, continuai na vossa senda bela e grandiosa de brincar com as vossas *poupées*. Não vos esqueceis nem um momento sequer que sois as mulheres que a caridade converteu em creanças, tal como o pão se converteu em rosas no regaço da Rainha Santa. Que sois umas creanças crescidas, em corpo inteiro, cuja maioridade atingistes já no corpo, na alma e no coração, e por isso mesmo sois essenciais a tão bela cruzada. Continuai, pois, a brincar na doce infantilidade da vossa ilusão, dando aos vossos bonecos e bonecas toda a realidade — tal como a que um pintor vai insuflando nas suas telas, immortalizando-as e glorificando-se. Que seria desses 60 bonecos sem vós, se um dia, creanças já fartas de brincar, as arremessásseis para o caixote das inutilidades? Sem a vossa tentação incorrigível de vir todas as tardes junto da Alameda brincar às mães e aos filhos, a obra perder-se-ia como uma sinfonia incompleta, como uma Vénus fragmentada para o todo da sua expres-

são artística. Nunca vos esqueceis de aqui vir, sempre, dar vida, movimento e realidade a esses bonecos que começam a fazer parte da vossa razão de ser de bonecas ao natural. Em cada *poupée* há uma alma, uma vida e elas são a semente seleccionada para a seara de um Portugal Maior — de um Portugal em ressurreição plena, e que da grandeza dessa seara nova vos ficará a glória de haver contribuído pelo Bem, pela Cristandade e por Deus para um homem mais perfeito no corpo e na alma! Continuai senhoras, continuai creanças pela vida fora, absorvidas com o vosso sonho infantil sem pensar que um fio de prata de um cabelo branco possa vir a rir entre cabelos loiros, como prata velha a ferir reverbos de luar em pleno sol do meio dia...

António Augusto Santos

## REVISTA ALGARVIA

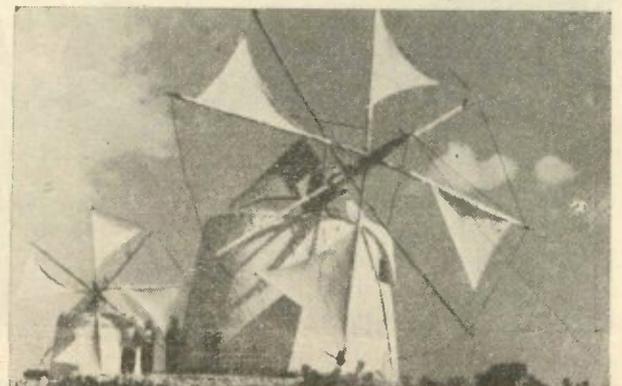
*Para evitar quaisquer mal entendidos, se declara que esta Revista é propriedade exclusiva do Director e do Administrador da mesma, em idêntica igualdade de direitos e obrigações no respeitante à sua publicação.*

*Quanto se afirmar em contrário, não passa de pura fantasia ou idiotismo.*

### 1.000 ASSINANTES

*Os nossos amigos continuam na campanha dos mil assinantes — não se esqueça de nos mandar mais um!*

Moinhos  
Algarvios



## A nossa capa



A foto da nossa capa é oferta dos nossos presados amigos Manuel Xabregas e Eduardo de Sousa e pode denominar-se «Frente ao Mar» na Praia da Quarteira — uma das boas praias algarvias. É um arranjo fotográfico de Matos, o conhecido e apreciado artista de Faro, e fará parte da exposição fotográfica que se realizará em Maio próximo, na Casa do Algarve em Lisboa.

A Comissão de Censura  
visou  
o presente número

Pedro Ferreira

LANIFÍCIOS, CAMESAS,  
GABARDINES  
CALÇADO, RELÓGIOS.  
124, Avenida da República, 126 — FARO

# O ALGARVE

## visto por alguns viajantes ingleses NOS PRINCÍPIOS DO SÉCULO XIX

*Na «Casa do Algarve», em Lisboa, perante diminuta assistência, realizou, no dia 25 de Março corrente, o Sr. Dr. Carlos Estorninho, bibliotecário do Instituto Britânico em Portugal, uma interessante conferência intitulada: «O Algarve visto por alguns viajantes ingleses».*

*O trabalho do orador, deveras agradável de se ouvir, merecia uma maior assistência, mas o português é avesso a trabalhos intelectuais e pouco se incomoda com aqueles que perdem o seu tempo e aplicam a sua inteligência em estudos científicos ou literários...*

*Em grande parte comodismo em acção. «Revista Algarvia» arquivando nas suas colunas o notável trabalho do Dr. Carlos Estorninho, permitirá que os ausentes à sua conferência (primeiramente realizada em Faro a convite da «Aliança Luso-Britânica do Algarve», em 17 de Fevereiro findo), possam tomar conhecimento, do que a respeito do Algarve mereceu, a viajantes, ilustres palavras que muito honram o Algarve e, conseqüentemente, todos os seus naturais.*

*Felicitemos o conferente pelo seu brilhante trabalho.*

Joaquim Augusto Correio

### CONFERÊNCIA PELO

Dr. CARLOS A. G. ESTORNINHO

mentaneamente, o conforto do seu lar e a civilização da sua ilha, pelo grande prazer e pela curiosidade ainda maior de viajar.

Além desta disposição inata de viajar, filha do espírito de aventura, outras razões há que levam os louros habitantes da Albião a calcuñar longes e estranhas terras. Há os que o fazem com o único fito de fugir ao inclemente e tradicionalmente húmido clima da sua ilha, procurando avidamente retemperar os seus achaques nos países mais soalheiros e de ares mais benignos. Há ainda — e em que número, meu Deus! — aqueles que viajam simplesmente com o intuito de coligir material para um livro de viagens, género literário dos mais apreciados na Grã-Bretanha.

Já Eça de Queiroz, numa das suas preciosas «CARTAS DE INGLATERRA» (a 2.<sup>a</sup> — acerca de Livros) nos avisava: «Quem hoje encontrar em algum intrincado ponto do globo, um sujeito de capote de cortiça, lápis na mão, binóculo ao tiracolo, não pense que é um explorador, um missionário, um sábio coligindo floras raras: — é um prosador inglês, preparando o seu volume», notando, porém, mais adiante, «que os volumes assim preparados, são quase sempre bem estudados; dão o traço e a linha que pinta, a paisagem com a sua cor e luz, a cidade com o seu movimento e feições; são gráficos e são críticos; teem a geografia e tem a observação; e, mais ou menos, fazem reviver, com o detalhe característico, o povo visitado, na sua vida doméstica, a sua religião, a sua agricultura, o seu sport, os seus vícios, a sua arte, se a tem. Calcule-se, pois, a importância desta literatura, que se torna assim um inquerito sagaz, paciente, correcto, feito ao universo inteiro».

No que se refere a Portugal, verifica-se que esta faixa ocidental da Europa foi visitada e percorrida, desde os tempos mais antigos, pelos habitantes das Ilhas Británicas. As primeiras «excursões organizadas», datam do tempo das cruzadas, em que milhares de aventureiros ingleses, atendendo ao pedido feito pelos nossos reis, nos auxiliaram a conquistar Lisboa e Silves aos infieis, tendo, muitos deles, gostado de tal forma do nosso clima, dos nossos bons vinhos, das nossas saborosas frutas e da luminosidade do nosso céu, que preferiram deixar-se ficar por cá, quer fixando-se em certas terras que lhes foram destinadas, quer percorrendo o país, à procura da aventura e do imprevisto.

Contudo, foi só a partir da tremenda revolução provocada pelo movimento da Renascença, criando a época moderna que o europeu em geral, e o inglês em particular, levado pelo «libidum cognoscendi», abertas ou melhoradas as rudimentares vias de comunicação, desenvolvidos os meios de transporte e criadas as condições mínimas de segurança pessoal — pode revelar o seu amor pelas viagens, amor esse que, com o rodar dos tempos se desenvolveu de tal maneira que se transformou numa instituição e num hábito.

A estação das viagens, na Inglaterra, a «Travelling Season» corresponde aos meses de verão, e é nessa altura que a Europa é invadida pelos famosos «turistas ingleses».

E' nesta época, informa o sempre oportuno Eça na «Carta» já mencionada, que «todo o inglês que se respeita (ou que, não podendo em sua consciência respeitar-se, pretende ao menos que o seu visinho o respeite) prepara umas dez ou doze malas e parte para os países do sol, do vinho e da alegria... Os anjos devem assistir então do seu terraço azul, a um espectáculo bem divertido: toda a Inglaterra fervilhando no porto de Dover e daí sucessiva-

A Inglaterra é indubitavelmente, um país de aventureiros e de viajantes. Os ingleses têm na massa do sangue a ânsia irresistível de correr terras estranhas, curiosamente, à procura de novas sensações e com o desejo de saber como são os outros países, como vivem e o que fazem os outros povos. Pode-se dizer afoitamente que raro é o ponto do globo, que não tenha ainda sido visitado por qualquer viajante inglês, que, indiferente às intempéries e às privações, trocou, mo-

mente partirem longos formigueiros de turistas, riscando de linhas escuras o continente, indo alastrar os vales do Reno, negreando pela neve dos Alpes acima, serpenteando pelos vergeis da Andaluzia, atulhando as cidades da Itália, inundando a França!

Tudo isto são ingleses. Tudo isto traz um «Guia do Viajante» debaixo do braço. Tudo isto toma notas. Isto, às vezes, viaja com a esposa, a cunhada, uma amiga da cunhada, uma conhecida desta amiga, sete filhos, seis criados, dez cães e outros cães conhecidos destes cães; e isto paga por tudo isto sem resmungar! Não, não digo bem — resmungando sempre!

Foi a partir do século XVIII que Portugal passou a ser um recanto obrigatoriamente visitado pelos «turistas» ingleses, sendo também em número considerável os doentes que vieram até cá, para uma permanência de cura e de repouso. O nosso doce clima, o nosso quente e glorioso sol, as brisas salgadas e tonificantes do nosso litoral, a rudeza e a suavidade das nossas paisagens, a abundância de frutas e de vinhos eram atractivos a que nenhum podia resistir.

Nefastos e catastróficos acontecimentos fizeram atrair para Portugal a atenção de todo o mundo civilizado: o grande terramoto de 1755 e as invasões francesas, iniciadas em 1807. A estes dois factos, correspondem dois fortes movimentos de simpatia e de curiosidade por Portugal, na Inglaterra.

Acrescenta-se ainda um factor novo e muito importante na história da civilização: o romantismo, que, nascido duma simples corrente estético-literária tão profundas repercussões iria ter na evolução dos ideais politico-sociais da humanidade.

Durante todo este período, isto é, nos séculos 18 e 19. Portugal foi visitado e percorrido por sucessivas gerações de viajantes, de doentes e de românticos ingleses, das mais variadas condições e indole, e que incluem alguns dos nomes mais célebres da vasta galeria dos homens célebres ingleses, como Henry Fielding, Robert Southey, Alfred Tennyson, Lord Byron, William Beckford, Thackeray, etc.

A este intenso movimento de viagens, corresponde a publicação, em Inglaterra, de elevado número de memórias, cartas, diários, descrições, estudos etc, em que os seus autores registam as suas impressões, as suas reacções e os conhecimentos sobre os mais variá-

dos aspectos do nosso país e do nosso povo.

Estas obras foram apresentadas sob diversas formas e edições tendo algumas delas gosado de espantosa popularidade. Quanto ao seu aspecto gráfico, muitas delas são ricas e belamente ilustradas com preciosas gravuras, frequentemente coloridas, e constituem verdadeiros tesouros bibliográficos, avidamente disputados...

Feitas estas observações preliminares, entremos agora no assunto propriamente dito desta palestra.

E o Algarve? Teriam os viajantes ingleses vindo também a este antigo reino mouro — sem dúvida uma das regiões mais belas e características de Portugal? E, caso afirmativo, como é que eles viram e o que é que eles escreveram a respeito das terras, das coisas e das gentes algarvias?

Como não podia deixar de ser, muitos foram os ingleses que vieram até ao Algarve, percorrendo-o curiosamente de lés a lés, tendo, depois, incluído nos livros que publicaram, as impressões e as apreciações daquilo que viram.

E é uma resenha sumária dessas impressões e apreciações, que vamos passar a dar, cingindo-nos, por comodidade, às obras de três grandes figuras de viajantes ingleses — um poeta de primeira grandeza, Robert Southey, um militar artista, George Landmann e um aristocrata, jovem e culto, Conde de Carnarvon.

Robert Southey, apaixonado lusófilo e activo lusógrafo, é justamente considerado um dos maiores poetas da língua inglesa.

Esteve em Portugal por duas vezes: a 1.<sup>a</sup>, de Janeiro a Abril de 1796; a 2.<sup>a</sup> de Abril de 1800 a Maio de 1801. Foi nesta 2.<sup>a</sup> viagem que Southey visitou o Algarve. O diário correspondente a esta visita, desconhecido até recen-

temente, foi descoberto, no ano passado, em Bristol, pelo Ex.<sup>mo</sup> Senhor Prof. Adolfo de Oliveira Cabral, da Faculdade de Letras de Lisboa, a quem devo a extrema amabilidade e a generosidade da sua revelação e leitura em primeira mão.

George Landmann foi um dos numerosos soldados artistas incorporados no exército de Wellington, tendo como tenente-coronel de engenharia, tomado parte em 1808 no desembarque das tropas inglesas na Foz do Mondego, durante a ocupação francesa de Portugal. Cumpridos os seus deveres militares, percorreu em 1811 extensiva e incansavelmente o nosso país. A sua obra publicada em 1818, em dois grossos volumes de formato grande, intitula-se: «Historical, Military and Pictures-Observations on Portugal» — observações históricas, militares e o pitorescos sobre Portugal — é ricamente ilustrada com 75 lindíssimas e finas gravuras coloridas. Os poucos exemplares deste livro que muito raramente aparecem no mercado, (pois que a edição se limitou a 250) são disputadíssimos chegando o seu preço a ultrapassar 200 libras. A parte referente ao Algarve — cerca de 80 páginas, acompanhada de 14 sugestivas gravuras, encontra-se no 2.<sup>o</sup> volume.

O aristocrata jovem culto é o Conde de Carnarvon. Visitou Portugal em 1827-28. Rico e civilizado, viajando por prazer, o jovem Conde foi amigo sincero dos portugueses. Soube como poucos, admirar, apreciar e descrever as suas impressões, com uma paixão especial pelas belezas panorâmicas. O seu livro, que ainda hoje é lido com muito agrado, intitula-se «Portugal and Galicia», foi publicado em 1830, e gozou de enorme popularidade, tendo tido várias edições.

# Filmarte

F. Costa, Lda.

ARTIGOS SELECIONADOS PARA FOTOGRAFIA E CINEMA

LABORATORIOS MONTADOS SEGUNDO A MAIS MODERNA TÉCNICA

Serviço especial para a Província — Livros e Revistas de divulgação fotográfica

249 — R. Augusta — 251

LISBOA

Em primeiro lugar, vejamos como é que estes viajantes chegaram ao Algarve. O Algarve fica distante de Lisboa, centro natural e internacional de comunicações. Esta distância, porém, parecia outrora ainda muito maior e quase intransponível, devido à existência da charneca alentejana, infundável, monótona, agreste e despovoada, que funcionava como que uma espécie de vácuo ou tampão a separar o ridente Algarve do resto do país.

De facto, com as ligações e os transportes da época, era preciso ter-se muito amor à arte (desculpe-me a expressão), para que um viajante se abalançasse a fazer uma tal viagem, tão cheia de desconfortos, de dificuldades, de canseiras e de arrelias.

Contudo, a fama do Algarve atraía-os inexoravelmente e eles sujeitavam-se a todos os sacrifícios para o conhecer. A maior parte dos visitantes do período que estamos a tratar, fez o percurso a cavalo, com o respectivo alquilador a servir de guia: foi o caso de Southey e de Carnarvon. Landmann, porém deixou a montada em Mértola e desceu o Guadiana até Vila Real de Santo António numa pequena embarcação alugada, com os respectivos barqueiros, percorrendo contudo toda a província a cavalo.

Os que fizeram a caminhada por terra, ao atravessarem as altas vertentes do Monchique ou do Caldeirão, avistando, pela vez primeira, o grande anfiteatro algarvio, populoso, cultivado, alegre e polícromo — com o mar ao longe — não puderam esconder um profundo suspiro, pela intensa alegria de, finalmente — terem avistado a «terra de promessa»...

Ouçamo-los: Robert Southey entrou pela região de Martim Longo e regista no diário: «Por fim, depois de seis léguas estiradas, muito estiradas, chegámos ao alto (da serra) e avistámos as planícies do Algarve. Toda a costa se nos abriu como que por encanto e lobrigámos Vila Real de Santo António, Ayamonte e Castro Marim: escapámos ao deserto e assim chegámos à nossa terra de promessa. Alfarrobeiras, oliveiras no meio de campos de trigo, figueiras plantadas nas vinhas, magníficas palmeiras... à nossa frente, o mar... para trás as grandes ondas da serra...»

Landmann, que fez uma digressão pela serra do Malhão, na região central da província observa: «... em breve, começaremos a descer para o Algarve, facto de

que temos nitida sensação, pela extraordinária mudança do clima: — o que se sente sobretudo no inverno.»

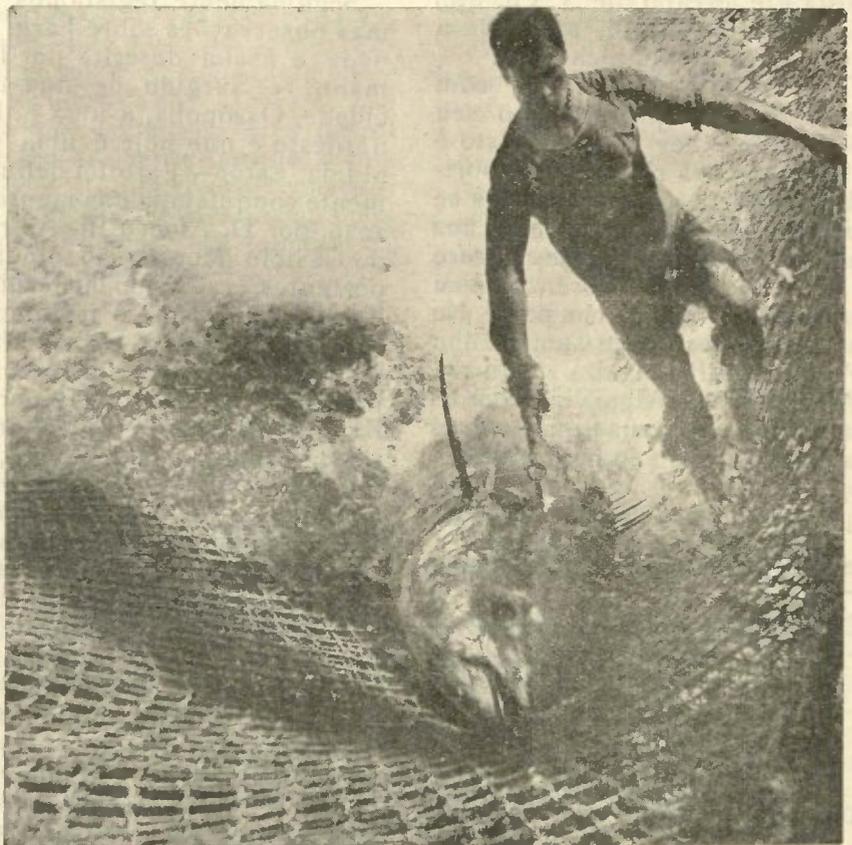
«O Alentejo é frio, húmido, de ares doentios... mas, logo que descemos a serra, a brusca mudança verificada... pode apenas ser comparada a uma transição mágica do inverno para o verão.»

Outro viajante, o Conde de Carnarvon, este vindo do lado ocidental, pela serra de Monchique, descreveu assim a sua odisseia: «não havia variedade alguma no cenário, até à chegada à famosa serra de Monchique uma cadeia de montanhas que constitui a barreira natural ao norte do Algarve. Milhas após milhas antes de chegarmos à Serra, os campos pareciam extremamente desolados. Passámos muitas e muitas horas sem ver uma única povoação, uma única choupana, e os raríssimos camponeses que encontrámos pareciam tão admirados como amedrontados pelo aparecimento de um viajante. Quase todos, mal nos avistavam, fugiam ou se escondiam»... Chegado ao cume dum

dos montes da Serra de Monchique após uma ardua e penosa escalada ziguezagueante, Carnarvon lança avidamente um olhar em redor e contempla embevecido: — «ao norte, a negra charneca alentejana, estendendo-se infundável e monótonamente ao passo que, aos meus pés, ao longe, em toda a extensão, ficava o rico, florido e próspero Algarve, orlado, ao fundo, pelo mar...»

Eis uma das suas entusiásticas descrições desta luxuriante Serra e das arrebatadoras paisagens que dela se disfrutaram:... «E um glorioso cenário de beleza vívida, mas ao mesmo tempo inanimada, estava perante mim, surgindo como um oásis no deserto, belo em si mesmo, mas mais belo ainda pela força de contraste, fornecendo amplos motivos de observação e de interesse, renovando as minhas energias e, qual radioso sol, dissipando como por encanto todas as preocupações do meu espírito. Vamos agora entrar no vale de Monchique, que, quanto à paisagem pitoresca, é perferida por muitos portugueses à própria Sintra.

## Tourada do Mar...



Eis um sugestivo quadro desse belo espectáculo a que o escritor Souse Costa chamou, e com muita propriedade, a Tourada do Mar I

Na verdade, o vale é acima de tudo, lindo! A sua vegetação é a mais luxuriante possível, refrescada por correntes chilreantes de água cristalina e ornamentada com as mais lindas e variegadas flores silvestres, sendo os montes cobertos por castanheiros de porte magestoso e por lorangeiras, que se dobram ao peso dos seus frutos dourados... «...Um traço comum de graça e de beleza distingue, até ao mais pequeno pormenor, quase todas as cousas de natureza quer animada, quer inanimada, que se encontram espalhadas em profusão tão harmoniosa, aos nossos pés!»

Já que estamos na Serra de Monchique, ouçamos a voz do poeta Southey, descrevendo-a:

«... Monchique, a linda Cintra do Algarve... A nossa janela dá para um belo jardim cheio de limoeiros, com castanheiros nos montes que circundam a vista e um som de água cantante. Tem toda a paisagem e o som da querida Cintra!» E, mais adiante: «De Foia, o ponto mais alto da Serra, descobre-se Cintra, com auxílio de um óculo. À altura em que estávamos, a distância era a característica mais evidente. As povoações mal se apercebiavam... Os rios corriam como linhas num mapa, os altos montes que escalámos na véspera, jaziam como pesadas sombras de coisas insignificantes. Avistámos a costa até ao cabo (de S. Vicente) e, dali para o norte, até onde a a nossa vista podia alcançar».

Comparando Monchique com Cintra, sempre presente no seu espírito, Southey escreve: Isto é mais frio, menos ricamente arborizado e nem as suas árvores se comparam com os sobreiros e aos pinheiros de Penha Verde. Carece do seu perfil. Tem, porém, a seu favor, ribeiros em toda a parte. No tamanho, quase que amarfanha o Paraíso de Portugal.

A Província Algarvia, com os seus pomares, as suas quintas, as suas flores e o seu belo clima, é elogiado por todos. Ouçamos agora o que eles dizem das suas cidades

e vilas Começamos, por Vila Real de Santo António, que o Marquês de Pombal mandara edificar umas dezenas de anos antes, e que fora erguida em pouco mais de cinco meses.

Landmann, que fez desta Vila a sua porta de entrada para o Algarve, descreve-a pausadamente. Vila-Real surpreende-o pelo seu «ar moderno, regular, uniforme, com ruas largas, limpas e bem pavimentadas, em tudo lembrando a nova baixa lisboeta». Porém acha-a quase deshabitada e artificial. As casas de arquitectura monótonamente uniforme, parecem-lhe vãsias. «Foram construídas em série com trabalhos de alvenaria pré-fabricadas também em série, em Lisboa, e trazidos até cá. A Vila consta apenas de uma praça, com ruas estendendo-se regularmente por todos os ângulos. Do lado norte, fica a única igreja. Defronte desta, a residência do governador. Frente ao rio há uma fileira de casas, todas iguais, com dois pavimentos e um sótão, as outras casas todas, fora do largo, têm apenas um pavimento.» Verificando que nada o detem em Vila-Real, — sem divertimentos, sem sociedade, sem passeios, sem paisagens bonitas, Landmann resolveu ir-se embora, declarando contudo não ter perdido o seu tempo em a ter visitado.

Seguidamente registamos algumas observações sobre Faro. A cidade é assim descrita por Landmann: « Surgido de uma antiga cidade, Ossónoba, a uma milha a nordeste e que hoje é uma pobre aldeia, Estói — Faro foi definitivamente conquistada aos mouros, em 1249, por D. Afonso III. As ruínas do Castelo Mouro são ainda importantes, tendo sido modernizadas e reparadas, mas o terramoto de 1755 danificou-as seriamente. O bispado de Silves foi transferido para Faro em 1580... O porto de Faro está situado quase no centro da costa sul de Portugal, entre o Cabo de S. Vicente e a Foz do Guadiana. O terreno ocupado pela área da cidade é quase plano subindo levemente para o interior. As ruas, toleravelmente limpas, são irregulares, estreitas em algumas zonas, não sendo a pavimentação muito boa. As casas são de pedra, teem em geral dois pisos e são cobertas de telhas. Os arredores da cidade propocionam agradáveis passeios, sobretudo, sobretudo às quintas particulares onde abunda deliciosa fruta de toda a qualidade, chegando até a produzir bananas e tâmaras. A fruta

é tão abundante nesta região de Portugal, e, conseqüentemente tão barata, que nem sequer é preciso pedir licença para apanharmos e comermos o que nos apetece; contudo, esta liberalidade não vai ao ponto de se permitir que possamos encher as nossas algibeiras.

Os habitantes da cidade não devem ser mais de 6.000 de aparência saudável, não obstante ser surpreendente o elevado número de cegos de ambos os sexos, que se vêem nas ruas, às vezes aos grupos de dez e mais. É possível que muitos deles tenham perdido a vista em resultado da grande quantidade de areia que às vezes, é trazido pelos fortes ventos — mas muitos outros são concerteza atraídos para a capital da provincia, afim de beneficiar da grande liberalidade do Bispo e da população em geral, que com todo o merecido louvor, julgam ser seu impetuoso dever acudir às suas aflições.

«O Castelo Mouro alberga o depósito de artilharia, o palácio do bispo e uma parte da cidade. Junto da principal porta da cidade, fica o hospital novo, feito para receber cem homens e igual número de mulheres, assim como seis fidalgos pobres, em quartos separados. Este estabelecimento é bastante liberal na sua administração e foi construído a expensas do Bispo, principalmente, que, só por este facto, merece os maiores encómios — tendo custado mais de 20 mil libras esterlinas. O hospital é modelo de organização: todos os doentes recebem 2 vezes por dia a visita do médico e do cirurgião, e não se olha nem a trabalhos nem a despesas para o seu completo tratamento. Os convalescentes, quando saiem do hospital, recebem um subsídio diário durante um período julgado necessário pelo médico chefe, afim de completar o seu restabelecimento, antes de retomar o trabalho normal. Todos os barcos que entram no porto, pagam uma pataca espanhola ao hospital, que, em contra-

*Continua na pág. 17*

## Grande Hotel

### Guadiana

Vila Real de Santo António

Telef. 154

NOVA GERÊNCIA

O melhor Hotel do Sul do País

Instalações modernas  
Esmerado Serviço de Mesa  
Quartos simples e com banho

## HELDER CUNHA

Fornecedor das principais entidades desportivas do País. PRÉMIOS DE ARTE. Grande variedade em medalhas sportivas para todas as modalidades, plaquetes, taças e anéis sportivos em todos os metais. Stock de emblemas para todos os clubes. Gravuras em todos os géneros.

Taças de prata

Rua dos Correiros, 140 - 4.º

Telef. 2 1124 LISBOA

# Da Capilaridade Social

Pela chamada lei da capilaridade social todos nós temos uma tendência para disputar lugares ou situações de predomínio no meio em que vivemos. E pelo velho e consagrado princípio idonístico todos procuramos satisfazer os nossos desejos com o menor esforço possível.

É velha a pecha entre nós de que o funcionário público é de todas as funções aquela a que melhor consagra ou realiza aqueles objectivos. Conceito errado é certo, mas que deve ter contribuído para que entre nós abundem os pretendentes à função pública e aos cursos superiores, numa percentagem saturante para o país, onde se tem aviltado a carta de formatura, tomando por vezes o aspecto indecoroso de um cheque sem cobertura.

Isto quer significar que na escolha de um curso ou profissão deveria haver o maior cuidado na selecção das aptidões do indivíduo submetendo-o aos exames do Instituto de Orientação Profissional, onde se decidiria do melhor aproveitamento do aluno no sentido de um rendimento social mais adequado e perfeito, de forma a obter uma melhor harmonia entre a profissão e o modo de ser psicológico da pessoa.

É porque se não tem procedido assim, o resultado é haver uma grande desproporção e desequilíbrio entre as classes intelectuais, dirigentes e técnicos e a grande massa dos alunos, dos trabalhadores e dirigentes, em constante conflito com as possibilidades económicas e sociais da Nação.

Os pais deviam abandonar a tentadora miragem feita de ilusões de uma formatura ou de um emprego público, e encarar a vida bem de frente, sob uma forma mais realista, dando aos seus filhos

PELO  
DR. MAURÍCIO MONTEIRO

aquele rumo que represente simultaneamente uma vantagem digna, prática e utilitária para a família e para a nação, onde vive integrado, e a qual deve servir com zelo. Todas as profissões são úteis e honrosas, quando exercidas com proficiência e dignidade. Quantas vezes um chefe de família com uma indústria regular, com o comércio desenvolvido, orienta a educação dos seus filhos para o caminho da medicina, do professorado, ou de direito, deixando ao falecer os seus negócios, as suas actividades, ao abandono, com grave prejuízo do património familiar, por vezes social, interrompendo uma tradição tão útil como honrosa.

Muitos proprietários e lavradores abastados, em vez de orientarem os seus filhos no arroteamento, na cultura e exploração da terra onde se criaram, ou desenvolvendo indústrias correlativas, atiram com os filhos para os cursos superiores, onde a sua inteligência e a sua vocação pessoal não brilha e se sente por vezes deslocada, simplesmente porque o formado ou o funcionário constitui uma profissão mais cómoda, mais honrosa e nobre na escala da capilaridade social!

As consequências desta tentadora miragem feita de ilusões são mais graves para a economia do país do que à primeira vista podemos supor. De lavradores felizes e desafogados que eram, passam a ser proprietários capitalistas preocupados, vivendo mal nas cidades com os vencimentos incertos e variáveis das suas propriedades,

entregando-as por fim aos rendeiros que procuram estorquir delas mais do que o seu rendimento normal deve dar, cansando as terras, deixando perecer o arvoredo, e quantas vezes, passando a credores do senhorio, a quem compram, mais tarde, numa hora de dificuldades, por uma ninharia aquilo que administram. E assim se quebra uma tradição de lavradores, se destrói uma unidade económica familiar e se contribui para a grave crise de intelectuais, de formados, de técnicos superiores de que o nosso país, de solo e sub-solo pobre e de fraca indústria, está pletórico, enquanto noutros sectores da vida da nação os artífices, os trabalhadores, os artistas, os comerciantes, certas indústrias e a exploração da terra se faz ainda pelos processos mais rotineiros e anti-económicos.

É deste desequilíbrio social que provém muitas vezes a direcção de certos serviços confiados a indivíduos deslocados na sua preparação técnica e profissional, aguilhoados pela imperiosa necessidade de uma colocação para viverem, expulsando, pela sua mais elevada documentação de concorrência, outros, de cursos mais modestos, mas a quem não falta a prática e o saber de experiência feita.

Torna-se urgente educar o nosso povo e até mesmo, ou ainda mais, as classes superiores num sentido mais realista, mais prático e utilitário da vida, despendo-a de miragens tolas e anacrónicas, abandonando costumes e preconceitos considerados de há muito, noutros países, como inúteis, prejudiciais e anti-económicos.

Loulé, 26/3/1950

Aprenda a GUARDA-LIVROS ?

Então não deixe de adquirir

"Prepare o seu exame" de  
10 Pontos de Contabilidade — Joaquim do Silvo Marto

Edição da EDITORIAL JACK — Santarém

**Classe Média**

de DE CASTRO E SILVA

Um romance brasileiro que os portugueses  
receberam com entusiasmo !

Cada exemplar 20\$00

Pedidos à nossa Administração

# A visita dos Carlos de Lisboa a terras algarvias serviu de excelente pretexto para por em relevo os laços de sincera amizade dos Carlistas

O Algarve — este jardim em flor, que acaba de se vestir de neve e sonho, a recordar um mirante de jaspe e carrara, debruçado sobre os vastos horizontes de um mar de Epopeia, com a graça seródia, e o enlevo eterno dos seus hortos e pomares farinhados aqui e além pela poesia das amendoeiras floridas, foi bem o palco da grande recepção, decorado por um pano de fundo impregnado das melhores tonalidades regionalistas para a apoteose devida aos Carlos de Lisboa.

Desde Sagres ao Guadiana, desde a feição da mais culminante da orografia do Al-Faghar a declinar desde os cumes elevados, como um sonho de águia, pelos vértices arrojados da Serra do Caldeirão para vir acabar, humilde, rastejante, junto ao oceano, sintetizando a prece eterna da Raça, a pedir ajoelhada, devota, clemência para as suas fúrias colconescas nas horas das suas fainas, a seus olhos embevecidos e contemplativos, o Algarve abriu-se como um album de vasta folhagem de couchet, brilhante, vinhetado de motivos de amendoeiras.

Abriu-se este album magnífico desde Sagres, com o seu promontório sacro, vago, soturno a evocar séculos de história incomparável, a Faro, o coração da província, cidade clara e harmoniosa, com o seu típico relógio de sala das torres da igreja do Carmo, a monologar em fios de ternura melodiosa novecentista, frases musicais da idade do romantismo — Choupin e Puccini — até a Cartilha Maternal de João de Deus, numa lição de amor e bondade a todos quantos desejem aprender a sua poesia incomparável de lírico e pedagogo excelso.

Desde Vila Real de S. António, o varandim de Portugal, debruçado sobre os horizontes da Pátria de Cervantes, a Tavira, a capital do pensamento algarvio, sempre bela, clara e sonhadora, a Olhão, no seu perfil argelino, florido de açoteias com um vasto jasmineiro já branco, a acasalar a alvura da sua tonalidade com o

Crónica de

António Augusto dos Santos

azul profundo do mar que a circunda, compondo as tonalidades do pavilhão que assinalou a Fundação e as mil batalhas constelados de glória desta ditosa Pátria nossa amada; desde Silves, moira cativa, refém glorioso de remotas conquistas, a Portimão, outra cidade nascida para o mar, em cuja Praia da Rocha se ergue um museu de formas indefinidas, que o Mar, paciente escultor, jámais dará por concluídas; desde Lagos, com a sua baía, airosa como uma curva de Manassé, a Loulé endoidecida por um Carnaval gritante de cor de fantasia e de mocidade, tudo aos Carlos foi dado no mais belo espectáculo de luz, de tradição e de lenda que o Algarve, pela iniciativa dos Carlos da província, lhe poderia proporcionar.

Durante dias a voz da ordem, o leit-motif de todas as deferências foi a palavra Carlos... Grupo dos Carlos, uma agremiação de 12.000 homónimos, distingue-se no seu distintivo original, por um C — um C que nem todos sabem interpretar e que define, na sua etimologia nobre, sacrosanta e grandiosa, esta triologia de virtudes — Coração, Camaradagem e Congregação.

O Hotel Aliança foi, no dia do grande jantar de confraternização, a aliança de todos os Carlos — o símbolo eterno que todos envolveu num lindo amplexo de fraternidade. Nenhum Carlos faltou à sua festa — a consagração de si próprio, desde o Senhor Carlos Loureiro — a autoridade, ao Senhor Dr. Carlos de Nascimento, representante de Deus; desde o Senhor Dr. Carlos Picoito — a eloquência, a um mundo de Carlos...

Clamasse alguém, ao acaso pelo nome de Carlos, e centenas de votos responderiam num «Presente!» orgulhoso da sua simpática festa.

Mas havia mais que Carlos neste banquete — havia os que não são Carlos nem poderão sê-lo — as

senhoras florindo com as suas toilettes e os seus sorrisos o ambiente — as Carlotas como alguém pretendeu crismar as esposas dos Carlos, e a Imprensa, onde por singularidade nem um Carlos sequer!

Nessa noite, gostaria de ser Carlos, não para negar o meu patrono — santo e milagroso — mas para dar a esta crónica uma assinatura que não destoase da grande festa — Carlos...

Veio depois a Consagração — o Hino dos Carlos — em que todos no mesmo unísono, no mesmo ritmo, e embalados pela mesma melodia uniram as suas vozes tal como haviam já unido as almas na confraternização.

Depois os discursos. E a palavra Carlos andou de boca em boca como uma endeixa fresca, sádia, a saber a rosas!

E por fim — em Fim de Fiesta — por proposta do Senhor Carlos Cazenave, o ambiente faiscante de cristais e argênteos sorrisos transformou-se num Areópago — numa Assembleia Geral improvisada, não para condenar, mas para abrir os braços faternos, amigos, carinhosos, na recepção de um novo Carlos — bem novo por sinal — um sócio de palmo e meio que a despeito dos seus cinco anos firmou a sua assinatura na proposta.

Tratou-se do menino Carlos Tibério Sousa Silva Marto, filho do nosso director, que a ser posto à aprovação pelo Senhor Carlos de Ornelas, foi aprovado por aclamação.

E a festa terminou assim com um novo sócio, um novo laço de amizade, que os Carlos de Lisboa deixaram na vasta família associativa do Algarve...

*Glória aos Carlos de Portugal!!!*

*Carlos Picoito*

*Advogado*

Avenida da República, 120-122

Telefone 128

FARO

# O MEU VELEIRO DE SONHO

Ao Poeta Dr. Humberto de Bettencourt, presidente do Instituto Cultural de Ponta Delgado.

Meu veleiro de sonho fez-se ao largo  
com as velas branquinhas enfunadas  
por vento muito fresco e de feição...  
Nos seus porões levou tudo de amargo  
que tem a vida... as sinas malfadadas,  
com fito de o lançar na vastidão  
das águas lá do longe mar profundo...  
Lá do longe... o mais longe deste Mundo!

A vaga era suave, muito lenta...  
E nela se deixou ir embalado,  
até que além, a terra, de distante,  
aos poucos se tornou núvem cinzenta...  
Enquanto no poente, desmaiado,  
o Sol, o astro-rei, esse gigante,  
sem forças p'ra lutar com heroísmo,  
mergulhava vencido no abismo...

Depois, caiu a noite sobre o mar,  
que soltava vagidos inocentes...  
Diana foi subindo o firmamento,  
com seu manto de estrelas a brilhar...  
As águas, em redor, fosforescentes...  
Nas enxárcias, cantava, alegre, o vento  
que lhe enfunava as velas... E, fagueiro,  
levava para longe o meu veleiro...

O céu e o mar ligavam-se em redor,  
por linha circular, toda fechada...  
E a povoar aquela imensidade:  
as Ursas, Libra, a Estrela do Pastor,  
Sírius, e a Lua, branca, prateada,  
a espargir diluída claridade  
até ao mais longínquo dos confins  
dessas águas — por vezes, tão ruins...

A espuma, muito branca e rendilhada,  
saltando, em borbotões, da quilha leve,  
da mesma cor das velas, tão serenas,  
lembrava qualquer asa esfarrapada,  
dessas, que as há, tão brancas como neve,  
ao largar, uma a unha, as suas penas,  
naquela solidão, nesse deserto,  
que singrava ao sabor dum rumo incerto...

Meu veleiro de sonho, ao navegar  
p'ra longe deste Mundo vão, de sábio,  
em busca de horizontes mais amigos,  
na vastidão imensa desse mar,  
entregue à sua sorte, ao astrolábio  
— como os nautas dos séculos antigos —  
cuidava de lavar os seus porões  
com água das marinhas solidões...

... Deitar fora a gangrena malsinada  
para alcançar, após, porto de abrigo  
ou prosseguir p'ra sempre em seu cruzeiro,  
perdendo-se na névoa mais doirada  
que porventura exista... Sem respigo  
de fel, de dor... Um brando nevoeiro  
de sonho sem as sombras más da vida  
e com ninhos de luz muito esbatida...

E o certo é que o veleiro dos meus sonhos  
nos sonhos se perdeu... Não mais voltou  
dos sonhos que p'ra longe o transportaram,  
em busca de horizontes mais risonhos...  
E a esteira tão branquinha que traçou,  
as águas, ciumentas, lha levaram...  
E assim, não sei o rumo que seguiu...  
Nem ele sabe já donde partiu!..

Hernoni de Lencastre

## A ÁGUIA

*Estranha nau há séculos naufragada  
e resistindo ao Tempo, o velho oceano,  
a montanha erguia-se escalvada  
— ativa como o pensamento humano*

*Nem sequer um rumor do mundo insano  
que virtude do bem traz ultrajada  
chegara aquela solidão, ufano  
de qualquer prepotência desvairada*

*Entre fráguas adustas, onde o sol  
veste em fusão metais incandescentes  
— prodigioso, rutilo, crisol —*

*erguera o ninho a águia magestosa:  
senhora da amplidão, asas fulgentes,  
olhar arguto e força portentosa.*

*O lião rugiu sinistramente  
e a terra dir-se-ia ter tremido  
como se um raio caísse de repente  
no seio da montanha adormecido*

*Fúlvua juba, o olhar de fogo, ardente  
soltou de novo o seu feroz bramido  
e escalou a montanha lentamente  
com a audácia cobarde dum bandido*

*Entre a águia que o ninho defendia  
e o lião sanguinário e faminto  
qual dos dois a batalha venceria?*

*Luta entre a Tirania e a Coragem  
garras e asas no duelo do Instinto  
— combate ferocíssimo e selvagem.*

*Duas forças tremendas, grandiosas:  
a Violência, o assalto, a agressão,  
e a que decide as lutas vitoriosas  
e tem o único nome de Rasão!*

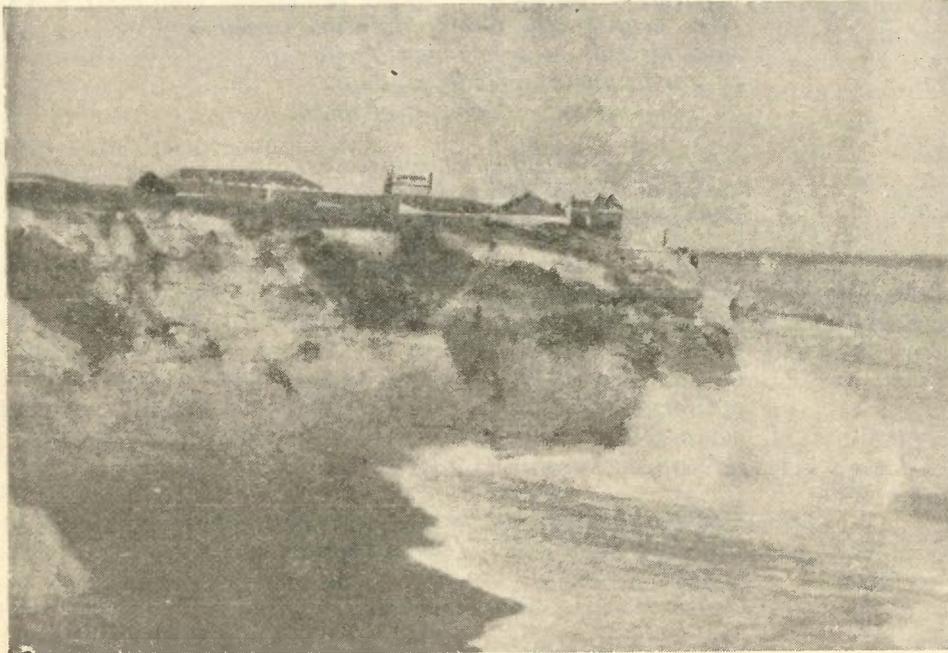
*Escapando às presas ágeis, vigorosas,  
do bárbaro e sórdido ladrão,  
a águia com bicadas furiosas  
rasgou ao rei da selva o coração.*

*Nós, poetas ativos que lutamos  
por um mundo de justiça mais perfeito  
e ao Ideal os olhos elevamos*

*Não tememos as garras dos bandidos.  
— Como somos as asas do Direito  
Não poderemos nunca ser vencidos!*

Jorge Romo

O mar do Algarve, calmo e azul, a prolongar no Atlântico o Mediterrâneo ocidental, tem sido até hoje motivo de tanta prosa e verso que não é já de certo possível arrancar a tão glosado mote uma qualquer variação original que valha a pena ler. Dos poetas e prosadores, economistas e viajantes, historiadores e jornalistas, turistas e oradores, quer naturais desta província algarvia de sol esplendoroso, quer de outras terras, que por cá se tenham fixado



PRAIA DA ARMAÇÃO DE PERA

ou simplesmente passeado, raros serão os que escaparam ao sortilégio deste mar, quase sempre amável, meigo e preguiçoso, e não o cantaram em todos os tons do entusiasmo lírico ou da admiração vibrante. E os do futuro não conseguirão — fácil é prevê-lo — furtar-se tampouco à exigente presença do mesmo tema de sedução. Hão-de passar os séculos e o mar algarvio continuará a inspirar os artistas da palavra e até mesmo todos aqueles que, não dotados para a expressão escrita ou oral, não sejam de todo destituídos de sensibilidade.

É que, quer o olhemos de longe, de qualquer ponto mais elevado das colinas ou montanhas da pro-

víncia, quer nos aproximemos dele para um banho tónico e restaurador, quer para um passeio náutico, consolador e refrescante, a vista ou o contacto deste mar sem igual, será sempre um encantamento para os olhos e um mergulho calmante das nossas mais

vivas e inquietas preocupações. Estas são, mais ou menos, as impressões de homens que têm a sua vida habitual em terra.

Para marinheiros e pescadores, outro é o ponto de vista de apreciação do mar. A sua maneira de o amar não será possivelmente tão poeticamente superficial como a nossa. Menos palavrosa e expansiva, desmonstrará, porém, uma paixão mais funda e própria de visão mais realista que dá o ser ele campo habitual de suas vidas de cada dia. A atracção do mar, explica-a ainda o desportista náutico por outras diversas razões de recreio higiénico e paixão desinteressada.

De qualquer modo, porém, que

# O MAR A

pelo Dr. Joaquin

o encaremos, o mote, gasto e usado, renova-se e impõe-se mágica e irresistivelmente pela sua presença viva.

Em Sagres e S. Vicente, o mar, ruidoso sempre, faz-nos evocar a gigantesca figura do Infante. Só depois de lá termos ido ouvi-lo embater na rocha, com fúria mansa do tempo calmo ou com a desencadeada e atrozadora cólera da tempestade, a personalidade do



As

## REPORT

Desde o nosso primeiro número que temos publicado algumas reportagens, no desejo de mostrar aos nossos leitores algo da vida portuguesa, nas suas múltiplas actividades.

Não podemos, claro, proclamar obras de grande vulto, mas o que é inegável é que, conquanto estejamos no nosso 3.º número, fizemos já algo de diferente e de novo...

Mas não estamos satisfeitos! Queremos fazer mais e melhor, de forma a podermos oferecer mais e mais aos nossos leitores — que são numerosos, espalhados por todo o país, suas ilhas e colónias.

Depois das reportagens de carácter provincial e regional, iremos iniciar uma série de reportagens através o país, com o desejo de mostrarmos aos nossos leitores grandes empresas portuguesas, de vários ramos de actividade no comércio e na indústria nacional. Ao mesmo tempo, procuraremos também iniciar a «galeria dos

# ALGARVIO

## em Magalhães

iniciador dos descobrimentos ganha a grandeza heróica e genial de que nenhum monumento poderá concretizar a visão interior que em nós, em tal ambiente, se esboça e ganha vulto.

Já na Ponta da Piedade e em Lagos o mar azul, profundamente azul, é o noivo da costa espriada da baía, num acasalamento harmonioso, para encantar e fazer sonhar.

## MOSSAS

# AGENS

grandes vultos do comércio e da indústria», lacuna a preencher e que os nossos colegas, por motivos que ignoramos, têm descurado...

Esta nossa iniciativa vai decerto colher fartos aplausos dos nossos leitores, bem como outras que aparecerão a seu tempo — todas dentro do programa cuidadosamente estudado antes do nosso aparecimento...

*Revista Algarvia* não descurando a sua provincia, vai infiltrar-se pelo país! No seu programa: pelo Algarve e por Portugal!

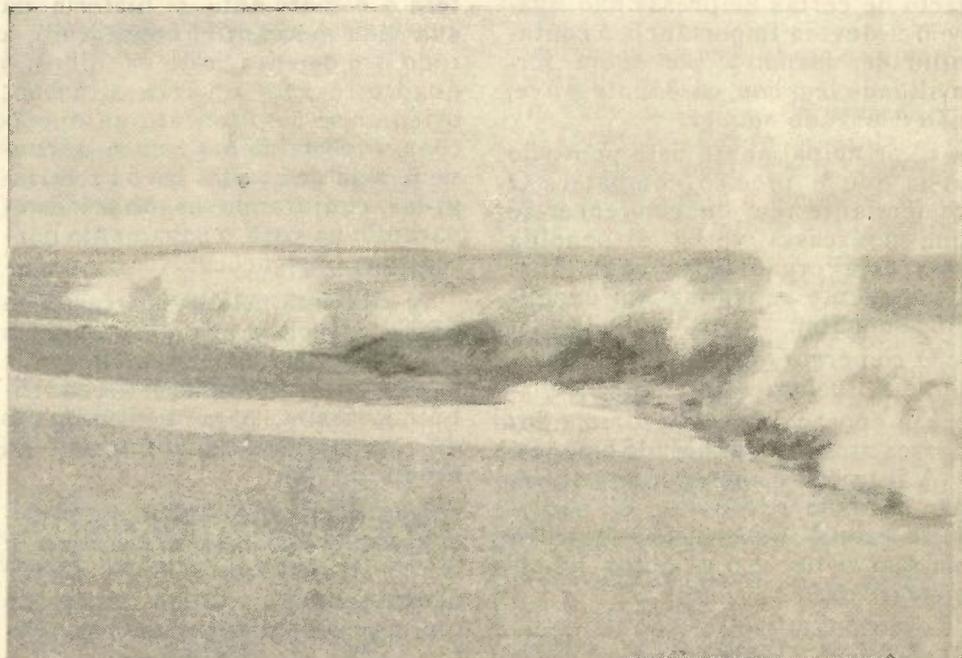
Exactamente como é o desejo dos seus leitores: — para *mostrar* o Algarve a todos, e aos algarvios um pouco do muito de belo, de grandioso e de encantador que tem Portugal!

A tarefa não é fácil... — mas são exactamente as tarefas difíceis que nos encantam!

Joaquim Augusto Correia

Mais para cá na Rocha, o mar passa a ser o fundo da cena, de que o primeiro plano cabe a praia pitoresca, a bordar os rochedos-estátuas da falésia.

Em Albufeira, da esplanada ou do miradouro de Bem-Parece é a suavidade idilica de águas de um



ARMAÇÃO DE PERA — O rebentar das ondas...

lago o motivo consciente do nosso encantamento e interesse.

De Quarteira e Faro para Sotavento o mar humaniza-se mais; perde a arrogância majestosa e é ele que vem, pelos canais da ria, meter-se pela terra dentro, abraça-la estreitamente, a procurar o convívio dos homens e a oferecer tranquilidade às crianças e o prazer seguro da actividade aos desportistas.

E assim é que, para barlavento, o mar nos dá a impressão de aristocrático senhor fronteiriço à terra, enquanto que para sotavento, talvez porque o vemos de plano mais próximo e menos elevado, o sentimos mais familiar, menos grã-senhor, menos protocolar.

Dai talvez que as praias de sotavento sejam as mais movimentadas e populares. Mas os artistas e os pintores preferirão, sem dúvida, e com razões de sobra, as praias para o lado dos cabos ocidentais onde o mar é mais inspirador e atraente para sensibildades cultivadas.

Esta observação, fácil, não necessita prova documental. Para quem proventura não a tenha feito, achará neste facto a explicação de algumas das páginas mais

significativas das criações literárias de Teixeira Gomes, Cândido Guerreiro e de Emiliano da Costa.

Mas a glosa já vai longa...

E o mar do Algarve, calmo e azul, a prolongar pela nossa costa atlântica o mediterrâneo ocidental, mal estrangulado no Estreito continua no presente e continuará pelos séculos fora, como no passado, remoto e próximo, a provocar o entusiasmo dos homens sensíveis, a inspirar os artistas, a apaixonar os desportistas, a seduzir os marinheiros e a ser a vida dos pescadores, sobre todos exercendo o sortilégio mágico da sua poderosíssima força de atracção.

# A CONTABILIDADE E O COMÉRCIO

(Conclusão da 1.<sup>a</sup> pág.)

que o verdadeiro contabilista tem de ser, ao mesmo tempo, teórico e prático.

Este duelo, que, aliás, é vulgar em outros campos, não traz, felizmente grandes perigos ao progresso científico. A's vezes, mesmo, ilumina certos pontos de vista, dando a sua contribuição favorável.

Muito mais de lamentar é o facto de certas empresas não ligarem a devida importância à contabilidade, usando-a por mera formalidade legal ou, caso mais grave, não a usando sequer.

E' principalmente este ponto de vista que é preciso combater. O comerciante tem de convencer-se que a escassa verba dispendida com uma organização contabilística decente se traduz em benefícios sem fim.

O comércio está cheio de incertezas e ilusões.

Em épocas anormais como a dos nossos dias todo o cuidado é pouco.

A intuição comercial, por si só, não dá bom resultado. E' necessário existir uma base científica em que se operem os actos administrativos.

E' do nosso parecer que a decadência actual de muitas casas comerciais é devida, em grande parte, a deficiências de ordem contabilística.

Como exemplo, apresentaremos a seguinte ilusão, que é corrente: «Ganha-se muito quando os artigos sobem».

Esta ilusão tem sido a causa de numerosas falências.

Na loucura de uma subida o comerciante delira diante dos «avultados» lucros. Eleva o seu nível de vida, entrega-se ao luxo, faz desacatos, ententece no meio de tanta fartura!...

Mas, o tempo passa e a febre também. E o homem, desperto como se acordasse de um sonho, olha o vazio à sua volta e depara-se-lhe a miséria... Que ilusão!

O comércio tem horas boas e horas más. E' influenciado por variadíssimos fenómenos de ordem económica, política, social...

Um mesmo ramo de negócio tem as suas fases de apogeu e de crise;

numa mesma época há comércio activo e comércio morto.

Trata-se, pois, de uma actividade acentuadamente instável.

Não queremos afirmar que a contabilidade dê conta de todos os fenómenos que forcem uma casa à ruína, isto é, seja remédio para todos os males. Tal não é o seu âmbito. Mas, (no dizer de um especialista) nos livros de negócio terá o comerciante a história da sua vida mercantil; conservará, a todo o momento, ante os olhos, o quadro exacto da sua situação; orientar-se-á sobre futuras operações, especialmente sobre a conveniência de ampliá-las ou restringi-las, conjurando as crises, preparando-se para o pagamento pontual das obrigações...

A «Revista Algarvia» resolveu passar a incluir nas suas páginas algumas questões de contabilidade e escrituração comercial, contribuindo assim, para a divulgação de conhecimentos que estão na ordem do dia.

Que essas questões sejam inspiradas na vida real e tratadas à luz da doutrina de modo a tornar o ensino mais vivo e actual do que o que se colhe nos livros habituais da especialidade...

José Correia

**Manuel Pereira**

Talho n.º 15

Convida V. Ex.<sup>as</sup> para  
«Bem Servir»

**Mercado Municipal — FARO**

**José dos Reis Vieira**

Estabelecimento de

**MERCEARIAS, FERRAGENS, MIUDEZAS  
AUTOMÓVEIS DE ALUGUER  
Telefone 13 — ALBUFEIRA**

Inscrito no Grémio dos Exportadores  
de Frutas do Algarve, com armazém  
de preparação de figos na GUIA

# ALBUFEIRA

(Conclusão da pág. 2)

vação — o epílogo de um drama em acto final.

Dentre os mais momentosos problemas do concelho, figuram o Bairro de Pescadores na sua estrutura desenhada a régua e esquadro alinhada ao Sol e contemplativo do seu destino nos dois azuis, cêzidos na linha horizontal; a electrificação de todo o concelho já posta a concurso de um grande alcance para a finalidade da região, que a par do problema dos esgotos completará em todo o sentido de rigorosa etiqueta o cartão de visita, imprimido a letras de ouro, que Albufeira deixará na rica e vasta baixela do Turismo Nacional a impor uma visita aos seus domínios, sem receio de corar ao receber o mais ilustre dos visitantes.

O reatamento das obras da F. N. A. T. que fará convergir à sua praia toda a vilegiatura social do Algarve, dará também grande relevo ao seu ambiente pela multiplicidade de presenças e consequentemente o seu triunfo no referendo das praias algarvias.

Toda a ante-visão dessa magnífica Albufeira, num futuro próximo, temo-la tecida em traços coloridos, retratada na escala minúscula de um tapete de Arraiolos do policromado projecto da sua urbanização devido ao architecto Jacobety, que assinou as pedras angulares da Pousada de S. Braz de Alportel.

Mas tudo isto não passaria de um mito de uma concepção vaga se em sua defesa não surgissem dois dos seus filhos mais dedicados, pugnando pela terra que lhe serviu de berço como mater, afectuosa e filha prendada deste Algarve sonhador, que por destino sem par é patrono de tantas e tantas belezas, que não sabe a qual mais querer.

Referimo-nos ao Senhor Dr. José Correia do Nascimento, Presidente da Junta de Póvoação do Algarve e ao Sr. Henrique Gomes Vieira, activo Presidente da Câmara Municipal, ambos de uma dedicação a todos os títulos elogiosa por todos os seus instantes problemas.

Já um dia escrevi: «Quem esquece a sua terra não ama decerto a sua Pátria» e o pensamento serve-nos às maravilhas ao ser bisado.

Bem Hajam!!!

Honra lhes seja feita!!!

Zé Heróico

# Os "Jogos Florais da Páscoa"

que se efectuam por iniciativa do Ateneu Commercial e Industrial de Loulé serão patrocinaados por

## «REVISTA ALGARVIA»

Loulé é bem a capital da iniciativa no Algarve. Depois das Festas do Algarve, os «Jogos Florais da Páscoa» devidos à iniciativa do Ateneu Commercial e Industrial daquela vila, a cujos destinos presidem os nomes de Manuel Guerreiro Pereira, Mário da Conceição, Vital Campina Mealha, Joaquim Pedro Madeira, Adolfo Vilhena Barão Carapinha, Manuel Farrajota Martins e António de Brito Barracha.

Vai pois travar-se interessante prélio espiritual entre os melhores estros desta pátria de poetas — como alguém definiu Portugal.

O Algarve com tradições vivas na arte de dedilhar a lira, vindas por Bernardo Passos, João Lúcio, João de Deus e Cândido Guerreiro, irá por certo impor o seu prestígio aos trovadores portugueses, disputando-lhes a primazia no estro, na rima e no rendilhado poético através de uma luta bela e grandiosa de pensamento, luz e amor ao rincão que lhes serviu de berço.

Luta em que ao poeta não basta a certeza de ter produzido bom trabalho, mas em que prevalece a tortura da forma pelo êxito do melhor.

Estes «Jogos Florais da Pascoa» marcam um renascimento — o do culto da poesia.

Subi, pois poetas da nossa terra aos páramos do Olimpo e bebei na fonte de Cantália o motivo genial das vossas inspirações gloriosas.

O Al-Fagar é farto de motivos para os vossos cantos — a Natureza em festa, a paisagem em flor, as claridades do sul, a Primavera temporã, o mar imenso, essa estrada azul da nossa gloriosa Epopeia, são esbeltos temas suscetíveis de serem musicados pela arte dos versos sáficos, heroicos, alexandrinos e até de arte maior — a mais digna e rigorosa expressão da poética clássica.

O Concílio terá lugar no dia 9 de Abril e terá como júri os Srs.

Dr. Candido Guerreiro, Dr. Joaquim Magalhães e Dr. Hernani de Lencaste.

### COMISSÃO DE HONRA

Dr. Maurício Monteiro, Governador Civil, Presidente da Junta, Presidente da Câmara, Raul Pinto, Dr. Bernardo Lopes e Manuel Guerreiro Pereira.

As classes de poesia a admitir nos Jogos Florais serão:

- Poesia Lírica.
- Crónica.
- Quadra.
- Poesia obrigada a mote.

Como motivo para a classe de poesia obrigada a mote foi escolhida a seguinte quadra:

Saudade que significa,  
Quizeste um dia saber:  
Saudade é tudo o que fica,  
Depois de tudo morrer.

Aos premiados com a primeira classificação serão atribuídos respectivamente, os seguintes prémios:

- Poesia Lírica — Flor de amendoeira de prata.
- Crónica — Rosa de prata.
- Quadra — Cravo de prata.
- Poesia obrigada a mote — Violeta de prata e menções honrosas para os 2.<sup>os</sup> e 3.<sup>os</sup> classificados.

O prazo para a entrega das produções finda no dia 5 de Abril, devendo os originais ser remetidos à secretaria do A. C. I. Loulé, em envelope lacrado e com pseudónimo do concorrente, acompanhado de um outro que conterá o verdadeiro nome do autor e morada.

Envie-nos, mesmo em selos, 8\$00 para lhe enviarmos 8 folhetos incluindo as biografias de Jesus Correia, Fernando Cardoso e Ricardo Vale

## Sporting Clube de Braga

Praça Conde de Agrolongo, 126 — Braga

Braga, 13 de Março de 1950

A' Pensão Mateus — V. Real de Santo Antonio

Ex.<sup>mo</sup> Senhor

Satisfazendo o pedido de V. Ex.<sup>a</sup> em sua carta de 24 de Fevereiro p.<sup>o</sup> p.<sup>o</sup>, temos o prazer de o informar que os nossos componentes da nossa primeira categoria de Futebol, manifestaram-se satisfeitos pela maneira como foram tratados na Pensão de V. Ex.<sup>a</sup>, durante a permanência nessa hospitaleira vila.

Com os votos de muitas prosperidades, creia-nos com consideração

De V. Ex.<sup>a</sup>  
atenciosamente  
Pelo Sporting Clube de Braga

O Secretário Geral

(a) António Teodósio Loureiro Dipa

# TEATRO NACIONAL

## A nossa Estante

Uma vez por mês falaremos do teatro. Do teatro nacional, entenda-se. E se é certo que ao *Teatro Nacional* nos vamos referir, não é menos certo de que o título é o da Secção que fica — criada em «Revista Algarvia», não dizemos para pugnar pelos seus interesses, que são muitos e muitos defensores tem (ainda que, pelo menos até ao presente, as suas *melhoras* sejam poucas), mas apenas para falarmos dele...

Falando, faremos a sua propaganda! E isto interessa-nos — porque vamos ao encontro da vontade de muitos dos nossos leitores, que directamente nos têm manifestado o desejo de criação de várias secções...

Falemos pois de teatro, principiando pelo «Nacional» — deferência merecida, pela sua categoria...

\*

O Teatro Nacional D. Maria II reabriu as suas portas no dia 30 de Março — a que este número diz respeito. Podíamos erguer as mãos, pelo acontecimento aguardado com relativo interesse, mas, confessamo-lo com mágua, não nos sentimos com forças para tal...

E deixamo-las cair, vergadas pelo desalento, alquebradas pelo desânimo, incapazes de uma benevolência... E ficamos quedos e mudos, sisudos, cabisbaixos... — para não patearmos em sinal de

revolta, gritando o nosso protesto, clamando o nosso nacionalismo — que no teatro também existe, ou devia existir...

Não culpamos — somos meros espectadores e não nos tenta o palco, directa ou indirectamente. Não apontamos erros — até mesmo por uma questão de delicadeza...

Deixaremos que outros se pronunciem — outros com mais conhecimentos...

\*

É que talvez não estejamos dentro da razão! Quere-nos, porém, parecer que reabrir as portas do *Teatro Nacional* com uma peça de Alejandro Casona, traduzida por Manuel Fragoso, denota uma visão pouco clara, uma falha de patriotismo... e causa-nos — a nós e a muitos dos leitores — uma certa tristeza...

— Porque, ao fim e ao cabo, a conclusão a tirar é só uma: — não temos autores portugueses para reabrir o Teatro Nacional!

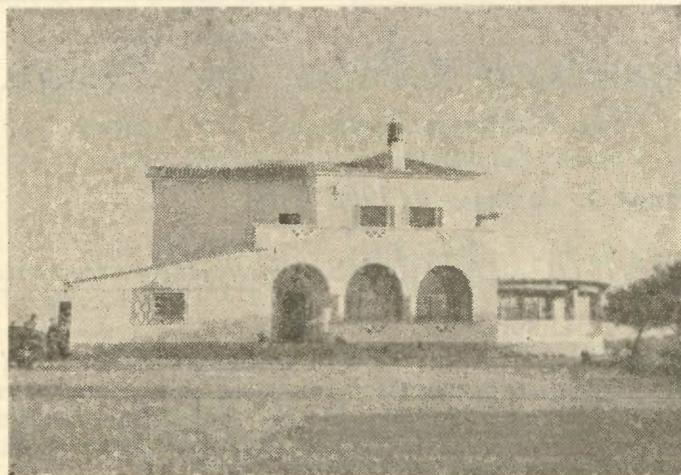
Joaquim Augusto Correia

**Almeida Carrapato**

ADVOGADO

Largo de S. Pedro, 46 FARO

Telefone 265



**Pousada de S. Braz de Alportel**

Situada em excelente local, com vistas encantadoras e um panorama surpreendente. Indicada para um «fim de semana» e, até mesmo, para umas férias agradáveis e solutares.

A Pousada de S. Braz de Alportel aguarda a visita de todos os que desejem gozar uma boa lembrança da sua estadia ali!

*16 meses de prisão em Buchenwald-Dora* (campos de concentração), por Irmão Birin (das Escolas Cristãs — Edição da Livraria Progressior — Porto.

É uma obra de revolta pelo tratamento dado aos prisioneiros aliados, na última guerra. É, por assim dizer, um documentário monstruoso pela selvajaria verificada e heroicamente suportada por muitos — mas muitos outros sucumbiram aos maus tratos sofridos, à péssima alimentação, às criminosas condições de instalação...

Merece ser lido este livro, que contém, ainda, algumas fotografias revelantes do que se passou na última guerra, no respeitante a prisioneiros... Monstruosidade sem nome, que o génio do mal não conseguirá classificar.

O autor foi um dos prisioneiros e pôde assim escrever com conhecimento de causa, contar sem fantasia, documentar sem atraiçoar a verdade. Tendo suportado heroicamente todos os tratamentos que lhe afligiram, teve ainda, muitas vezes, ânimo forte para amparar moralmente os seus irmãos de infortúnio.

Regressado a França, Irmão Birin escreveu um livro que pode ser útil às gerações futuras — pelo seu conteúdo, «16 meses de prisão» é um libelo acusatório contra a guerra...

### Novidades literárias

*Revista d'aquém e d'além mar* é uma nova realização do nosso administrador Joaquim Augusto Correia. Como o seu nome indica, a nova Revista dedicará a sua actividade à propaganda de toda a terra portuguesa e aos portugueses que, espalhados por todo o mundo, nunca se esqueceram da sua Pátria!

— M. Ferreira Martins prepara a publicação de um mensário importante, destinado a alcançar êxito grande. O seu título: *Revista do Alentejo*.

— O *Riomaiorense* entrou recentemente no seu 2.º ano de publicação — em defesa dos interesses da sua região.

Ao seu Director, bem como a todo o Corpo Redactorial, apresentamos sinceras felicitações.

Joaquim Augusto Correia

partida, recebe gratuitamente os seus doentes, fornecendo também os remédios necessários para bordo.»

«Isto é feito indiscriminadamente, sem se atender à nacionalidade do barco ou do doente: a humanidade e o bem fazer são os únicos objectivos em vista.»

«O bispo, que vive na cidade, é bem conhecido pela sua generosidade. Além do hospital, mandou construir muitas pontes novas, tendo também contribuído grandemente para melhorar as comunicações de toda a costa algarvia. Renovou e ampliou as acomodações para os doentes pobres, nas Caldas de Monchique.»

As décimas do Algarve elevam-se anualmente a cerca de 70 mil patacas espanholas, sendo metade para o bispo e outra metade dividida entre os 30 cónegos.»

«A Sociedade de Faro é muito boa e divertida. O chá, o jogo de cartas, o canto, a dança e a música bem tocada, quer ao piano, quer à guitarra, são os divertimentos que nos fazem esquecer as horas e chegar-se à meia noite ou à uma hora, sem nos apercebermos que é tempo de nos retirarmos. As reuniões realizam-se todas as noites, cada vez em casa dum família, podendo as visitas levar, sem cerimónia, uma pessoa das suas relações.»

«As exportações de Faro são constituídas principalmente por frutos secos, cortiça, sumagre e cestos de junco. Os barcos que não desloquem mais de 14 ou 15 pés de calado, podem entrar neste ponto até à cidade, que dista 8 ou 9 milhas da barra.»

«Faro, vista do porto, é muito linda, sendo este o único sítio donde se vê bem a cidade.»

Também Carnarvon ficou encantado com a tradicional vida mundana farenses: «passamos a noite num delicioso jardim: os cavalheiros do nosso grupo dirigiam amabilidades às damas de Faro, de olhos muito negros, e elas em retribuição, ofereciam-nos lindos ramalhetes feitos pelas suas próprias mãos.»

O poeta Southey, atento ao por menor cultural, registou no seu diário que «se tentou estabelecer em Faro um livreiro comissionista e o negócio teria sido bem sucedido se o agente não tivesse sido um malandrim, pois que gastou em proveito próprio todo o dinheiro proveniente da venda de livros». E mais adiante: «Miss Lemprière (filha dum residente estrangeiro em Faro) informou-

-me, que tinha um dia perguntado a uma dama local que, pela distinção e meios de fortuna ela julgava interessado em desenvolver a cultura, se gostava de ler». Gostar de ler? — respondeu a dama estupefacta. «Para que é que hei-de ler, se já sei todas as minhas orações de cór?»

Por outro lado, o gastrónomo Southey revela que o mel de Faro excepção feita ao de Minorca, é o melhor que tem provado. Opão é excelente e saboroso. A alimentação, além da deliciosa fruta e do bom vinho, é sobretudo constituída por peixe e por criação. Quanto a carne — mata-se apenas uma miserável vaca — (que por sinal é boi!) — aos sábados para o consumo de toda a cidade durante a semana inteira.»

Um curioso apontamento de Southey: registados no seu diário:

Miss Lemprière foi convidada por um proprietário e sua filha, para entrar na sua quinta afim de saborear uns cachos. «Viemos até cá» informou o amável hospedeiro à Miss Lemprière «para que a Maria me catasse descansadamente, pois que hoje é dia de Nossa Senhora e o tempo está magnífico».

E Southey acrescenta: catar é um passatempo domingueiro por excelência. Os piolhos são chamados «fidalgos» e esta metáfora não é descabida de todo, pois que estes são insectos que se criam na cabeça do estado...»

«A fidalguia é bastante orgu-

lhosa nesta região e a expressão em uso para fazer realçar uma pessoa de boa linguagem é dizer que o seu sangue é tão espesso que nem sequer se corta à faca.»

Num momento de intensa felicidade, Southey escreve o seguinte no seu diário — que só por si, resume toda a sua admiração pelo Algarve: «Ah! como eu invejo a quinta e a casa do Sr. Lemprière, em Faro: possui-las era a satisfação integral de todos os meus desejos na terra. A vista, para o lado da montanha, é ideal, tal como num sonho: — um rico vale, salpicado de casas, cultivado e arborizado a toda a distância até ao cume! Ao sul, o mar...»

Vamos agora, succintamente apresentar algumas observações sobre outras localidades algarvias.

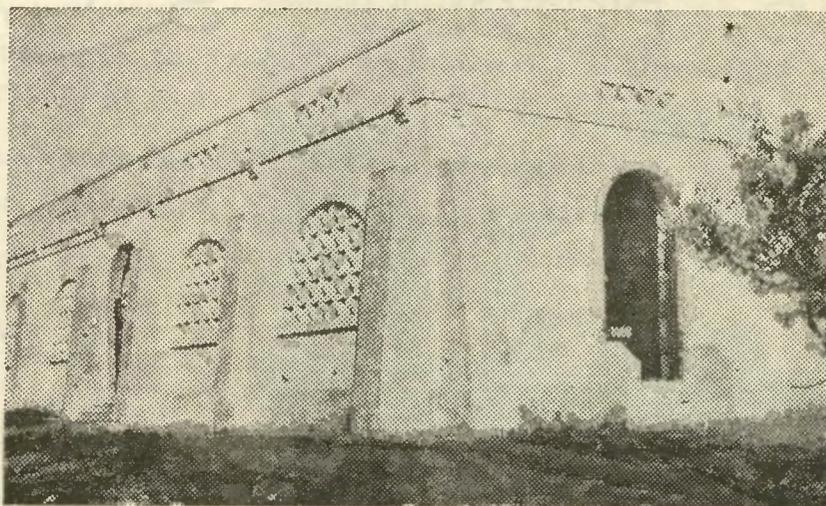
Silves é assim descrita por Carnarvon:

«Situada no topo dum íngreme colina, Silves assemelha-se a distância, a uma cidade dos tempos antigos, impressão esta confirmada de perto — devido aos seus grossos e maciços muros, as suas casas alcandoras e as suas esquisitas janelas...»

«As mulheres de Silves, como de resto de todo o Algarve, são muito bonitas, não só de feições, como de corpo. A sua tez é pálida, mas distinta, seus olhos ensombrados por longas e negras pestanas, são sempre lindos e expressivos. Elas têm um ar suave e melancólico, que define o seu aspecto e caracteriza o seu sorriso. O encanto das espanholas deslumbra e

## OLHÃO

### Lavadouro Público



Obra importante que muito beneficiou a conhecida vila cubista...

atrai o admirador, a beleza da mulher algarvia, menos ardente, mas mais cheia de ternura, não impressiona menos profundamente o nosso coração.»

Southey, em estilo telegráfico regista apenas e apressadamente o seguinte de Silves: «A cisterna. A chave do Castelo encontra-se em Portimão. A Sé — velha igreja, nada de especial. Cemitério — ossos à vista, espectáculo horrível.»

Landmann diz que «Silves, outrora a mais importante e opulenta cidade mourisca do Algarve, está em plena decadência, que é motivada que pelo seu clima pouco saudável, quer pelo assoreamento da barra à entrada do porto de Portimão. Os terrenos de Silves são férteis, com lindos pomares e jardins. O mau cheiro dos pântanos, no verão, os nevoeiros quase diários, de manhãzinha e à noite, tornam o lugar doentio.»

Tavira, asseada e opulenta, é considerada por Southey como sendo «a maior e, de longe, a melhor cidade provinciana portuguesa, depois de Coimbra.»

«As portas das casas de Tavira, escreve ele, são as pequeninas e baixas portas laterais em arco das igrejas góticas, o que dá um aspecto pitoresco às casas. As suas chaminés são ainda mais bonitas do que as de todo o resto da região e parecem pequenas torres quadradas.»

Landman, mais minucioso, descreve assim: «Tavira é uma cidade antiga, a Balsa de outrora. Fica a pouca distância do mar, junto do rio Sequa, que a divide em 2 partes quase iguais. As comunicações entre as duas partes fazem-se convenientemente por

intermédio duma boa ponte de pedra com 7 arcos. As ruas são muito irregulares, estreitas e mal pavimentadas, sendo a sua população calculada em cerca de 5 mil.»

«A Sociedade de Tavira requere mais apresentações do que outros lugares. Os seus habitantes são rígidos nas suas maneiras, não tendo interesse em cultivar a amizade com estrangeiros.»

A única referência a Olhão, fá-la Southey no seu diário, nestes termos: «Em Olhão, os homens que trabalham no mar, erigiram à sua custa uma igreja muito grande. . . Agora, cumprida a devoção, os marítimos gastam todo o seu dinheiro no vinho.»

«Loulé», escreve Landmann, «é uma pequena vila situada no sopé duma grande cadeia de montanhas. As rústicas ruínas mouras dum antigo palácio, contrastando os seus sombrios muros cobertos por ervas daninhas, com a brilhante alvura das casas, e a folhagem sempre verde dos sobreiros, abundantemente misturadas com o brilhante carmesim das flores de romanzeiras, formam um conjunto felicíssimo.»

Nada podia estar mais a propósito para fazer reanimar o nosso espírito e recobrar a nossa usual serenidade antes de entrarmos em Faro. . . A nossa impressão final vai ser agradável e vamos dizer bem, e não mal, desta província.»

Portimão é minuciosamente descrita por Landmann mas limitamo-nos a transmitir apenas algumas notas resumidamente: «O cenário de Vila-Nova, disfrutado do porto, é surpreendente: de vários pontos, pode o artista colher os mais felizes motivos

para pintar os seus quadros, no estilo de Claude ou Vernet. As fortificações mouras, que tinham um aspecto respeitável, foram demolidas, afim de, com o seu material, reparar os estragos causados pelo grande terramoto de 1755, em que a Vila sofreu terrivelmente.»

«Lagos, cidade interessante, com um bom porto, ruas largas, limpas e bem pavimentadas», surpreende Landmann pela abundância da pesca do atum, observando: «chega-se a pescar, às vezes, dois mil atuns num só dia, pesando cada um deles entre 100 a 200 libras. O peixe é vendido aos catalães, que o exportam nas suas próprias embarcações, sendo o preço pago em espécie, que é remetida para Lisboa para a companhia dos mercadores que tem o monopólio da pesca neste porto, não beneficiando, por isso, Lagos desta rica fonte de receita.»

O promontório de Sagres e o Cabo de S. Vicente são pontos obrigatoriamente visitados por todos os viajantes que se prezem, não obstante ser árdua a caminhada, agres a paisagem e mau o caminho.

O Conde de Carnarvon fez a sua peregrinação a estes lugares célebres, na companhia do amável e solícito corregedor de Lagos, visto ter adoecido o seu alquilador. A partida fez-se de madrugada e a chegada à ponta de Sagres foi à hora do sol posto. A rude grandeza do promontório, em toda a sua nudez, o mar roncando bravamente lá em baixo, no fundo dos precipícios, o vento soprando rijamente em rajadas uivantes, o céu tinto pelos últimos clarões do

## AS PISTOLAS S T A R

cal. 6,35, oxidadas, cromadas e proteadas e cal. 22 para tiro ao alvo

APROVADA OFICIALMENTE

Grande «stock» de pistolas **F. N., CESTA, LE FRANÇAIS** e outras marcas

Revólveres **SMITH & WESSON**, cal. 32 e **BROWNING**, cal. 6,35

Munições de todos os calibres anti-corrosivas de origem americana

# A. M. SILVA

ARMEIRO

RUA DA BETESGA, 67 — LISBOA — TELEFONES 31313/14

À venda nas bans armeiras em:

Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Viseu, Vila Real, Guarda, Castela Branca, Evora, Beja, Faro, etc.



dia agonizante — tudo isto o impressiona fortemente. «Como tudo isto é apropriado para a grandeza do local», murmura ele.

Albergado na fortaleza, pela amabilidade do comandante, Carnarvon quase que não consegue dormir e o seu sono é perturbado por terríveis sonhos. Na manhã seguinte, vai de abalada até ao Cabo de S. Vicente avistado na véspera pela 1.<sup>a</sup> vez e que tão grande lugar ocupou na imaginação da sua infância. Eis como ele o descreve: «o cabo é constituído por calcáreo cinzento, e os penedos, por toda a parte, parecem ter sofrido violentas convulsões; os terrenos, até onde a vista pode abranger, tem o aspecto da mais completa desolação. A máxima latina: «Non minuit praesentia famam», que tão raras vezes se verifica, applica-se rigorosamente ao Cabo de S. Vicente, pois que a sua presença em nada diminui a fama de que goza mesmo na imaginação mais ardente. A vista estende-se por ambos os lados sobre uma costa uniformemente agreste, tornada ainda mais impressiva, pelas enormes massas de penedos, erguidos do fundo do mar, cobertos por nuvens de barulhentas aves marinhas. O convento, habitado por meia dúzia de monges, fica mesmo à beira dum estupendo e impressionante precipício, permanentemente batido pelas indomáveis ondas do Atlântico».

Landmann, depois de fazer uma exhaustiva descrição da ponta de Sagres e do Cabo de S. Vicente, resume assim as suas impressões deste último lugar:

«O aspecto é duma magestade inexcelsível, e, apesar da situação ser desoladora, o nosso espirito e os nossos sentimentos experimentaram emoção peculiar, que não sabemos explicar, pelo facto de nos encontrarmos precisamente no ângulo sudoeste de todo o continente europeu, onde três quartas partes do horizonte, são cercadas pelo mar, e, onde na única parte que fica, os montes de Monchique erguem, distantes, as suas altivas cabeças, sendo o espaço entre o cabo e a serra quase tão nú como o próprio mar».

Southey escreve no seu diário sobre Sagres o seguinte:

«Os frades franciscanos do convento disseram que aquilo era um desterro. Respondi: Que magnífico desterro! Sim, de facto assim era, e pensei no Infante D. Henrique...» Os frades replicaram: «Por um ou dois dias, vá lá, mas não para viver sempre aqui.

Isto é terrível. Durante as tempestades, toda a construção treme, a espuma atravessa o convento de lado a lado e o barulho do mar é infernal. Fomo-nos embora. Tive a sensação de que tínhamos fugido».

Eis, sucintamente e dum modo geral e imperfeito, as impressões destes três viajantes ingleses, que percorreram demoradamente todo o Algarve, nos princípios do século XIX. Delas podemos, pela nossa parte tirar as seguintes conclusões:

Os campos, os montes e os vales atraíram e agradaram muito mais do que as cidades e as vilas. Foi, sobretudo, pelas suas paisagens sem igual, ora grandiosas, ora suaves, ora ridentes e floridas, ora nuas e agrestes que o Algarve despertou no passado o interesse dos ingleses que o visitaram.

O interior, de aragem docemente perfumada pelos frutos odoríferos pelas flores silvestres e pelas plantas aromáticas, com seus jardins, quintas e pomares, junto de ondeantes colinas plantadas de sobreiros, alfarrobeiras, oliveiras, figueiras, laranjeiras e amendoeiras manchado de brancas e ridentes aldeias, encantou e prendeu profundamente.

O litoral, tão rico de baías e enseadas, não obstante a sua linda orla de praias de areias finas e douradas, semeadas em certas zonas de atraentes e caprichosas rochas e grutas, dum lado, e os seus penhascos e precipícios, doutro — despertou menos interesse.

Vou terminar, pois que esta palestra está a alongar-se demasiadamente. Antes porém, quero pedir licença para chamar a vossa atenção para dois livros de via-

gens, publicados em Inglaterra no ano passado.

O primeiro chama-se «The selective Traveller in Portugal» — Guia selecta do Viajante em Portugal — de autoria das escritoras Ann Bridge e Susan Lowndes.

Ann Bridge, consagrada novelista e autora de alguns livros de viagem de certo êxito, é o pseudónimo literário da Lady O'Malley, esposa de um antigo embaixador britânico em Lisboa. Susan Lowndes pertence a uma famosa «família de literatos» da Inglaterra. Estas duas senhoras resolveram recentemente percorrer o nosso país do Minho ao Algarve, de automóvel, afim de «de visu» enunciar actualizadamente as paisagens mais belas e os monumentos mais representativos de Portugal.

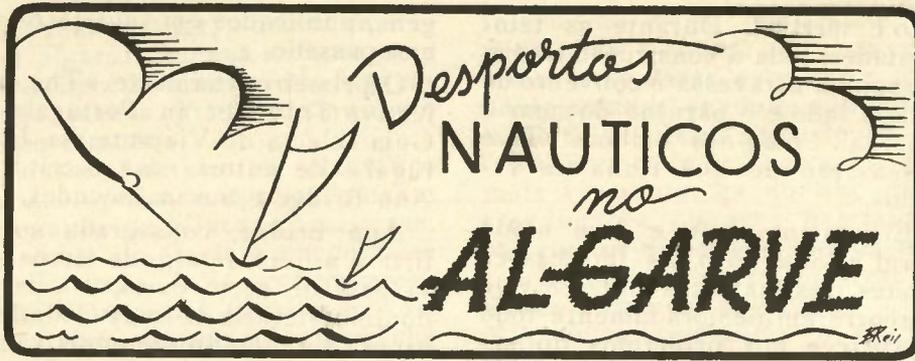
A parte referente ao Algarve, se bem que necessariamente resumida, é bastante elucidativa e compreensiva.

O 2.<sup>o</sup> Livro intitula-se «Fabled Shore: From the Pyrenees to Por-

## Mutualidade Popular



Este é o prédio n.º 3 — testemunho valioso da obra já realizada



*A interessante revista «Vela», que se publica em Lisboa, no seu n.º 11, referente a Janeiro findo, ocupou-se da nossa provincia e do carinho que lhe merecem as nossas coisas do mar, fazendo larga refe-*

tugal» — O Litoral Lendário: Dos Pirinéus a Portugal» e é sua autora Rose Macaulay, um dos maiores da literatura inglesa contemporânea que se tornou célebre entres nós sobretudo pela sua obra: «They went to Portugal» (Foram a Portugal) uma antologia, escrita com muita observação e espirito, da estadia entre nós, desde os primórdios da nossa nacionalidade, de súbditos de sua magestades britânica.

«O Litoral Lendário» publicado em Abril do ano passado, constituiu um tão grande successo de livraria, que se esgotou em poucos dias, tendo logo em Maio saído uma 2.ª edição. O livro é uma narração da viagem feita de automóvel pela autora, através de todo o litoral mediterrânico da Península Ibérica, desde Port Bou, na Catalunha, até ao Cabo de S. Vicente, no Algarve.

Em 14 compactas páginas, Rose Macaulay escreveu com afinado espirito de observação e bom humor a paisagem do litoral algarvio, desde Vila Real e Santo António até S. Vicente, seguindo muito de perto o roteiro do poeta romano do século IV antes de Cristo, Rufus Festus Avienus, tal como vem cantado no seu poema «Ora Maritima».

Emfim, o Algarve com o seu clima ideal, a sua vegetação luxuriante, as suas paisagens edénicas, os seus costumes característicos, a tradicional e garrula alegria do seu povo e os eu ambiente per fumado de lendas, de tradições edé misticismo, continua e continuará a ser a

Terra de amores e de bosques

Terra de amores e de flores,  
recanto ideal para todos os viajantes e turistas que procuram

A saúde para o corpo.

A beleza para os olhos, e

A paz para o espirito.

*rência à campanha que o nosso presado e distinto colaborador Fernando de Valformoso iniciou, com muito brilho, no nosso presado colega «O Algarve».*

*São deveras elogiosos os termos empregados e honra-nos sobremaneira a distinção que a «Vela» mereceu o trabalho daquele nosso distinto colaborador, pelo que não resistimos à tentação de arquivar nas nossas colunas as suas palavras:*

«É indiscutível o progresso da vela no Algarve. E ao fazermos esta afirmação não nos apoiamos apenas na quantidade de regatas que na extensa e linda costa algarvia se organiza todos os anos. Os velejadores algarvios procuram com entusiasmo melhorar o seu nível, quer buscando o contacto com adversários de outras águas, quer cuidando da sua cultura desportiva geral. Não podemos esquecer da difusão extraordinária que a nossa Revista tem em todo o Algarve, e não preparamos um único número dela sem que contemos em absoluto com esse interesse. E é também de lá que nos chega parte do incitamento moral que nos faz prosseguir.

Fernando de Valformoso — pelos vistos apaixonado e criterioso propagandista do desporto da vela — principiou a publicação de crónicas sobre «Vela e Náutica» no semanário «O Algarve».

Não resistimos a recortar da sua primeira crónica saída em 13 de Novembro p. p., os seguintes períodos da mais sã doutrina:

«Pelos jornais e revistas da especialidade observa-se que os velejadores da Capital do País — seguindo o exemplo do estrangeiro — já deixaram à muito de só fazer vela no verão — quando há «pequenas» nas praias — e que velejam sempre, disputando provas todo o ano, seguindo-se às regatas de verão os torneios de Outono, de Inverno e de Primavera, única maneira de haver bons velejadores, de classe verdadeiramente internacional e em apurada

forma, aptos a correr com todos os tempos e ventos.

Em Faro, com raras excepções, as quais são de louvar, os nossos velejadores e alguns clubes, assim como as «pequenas» deixam as praias e de os acompanhar nos passeios náuticos, metem os barcos nos armazéns... e acabou-se a vela até ao próximo ano, até haver «pequenas» na praia e nos barcos e, por isso, a classe dos nossos velejadores não atinge o nível que devia e as suas classificações são irregulares, continuando a haver tripulações que só sabem tirar partido dos seus barcos com ventos brandos e outras com ventos rijos.

Ora, a Ria de Faro, com os seus vastos esteiros de águas serenas e mansas, já, em grande parte, devidamente balizadas, com uma média térmica hibernal de 12.º,24, superior à do triângulo barlaventino (Sagres — Praia da Rocha — Monchique) e muito superior a Nice (7º,8), Biarritz (8º,1), Cannes (9º,8) e Estoril (12º), e com uma uniformidade térmica igualmente muito superior, maior regularidade de ventos e uma menor média das diferenças entre as temperaturas máximas e mínimas (1º,14), é de facto um local ideal para a prática dos desportos náuticos, quer de Inverno quer de Verão — se analisarmos ainda as restantes médias (jeada, humidade, pluviosidade, etc.), verifica-se que a Ria de Faro apresenta um conjunto único de condições que a tornam a melhor estação hibernal da Europa, superior mesmo à Madeira, Argel e Cairo.

Urge, portanto, a bem da Vela e do turismo, que se aproveitem as condições climáticas e geográficas sem par da Ria e Praia de Faro e que os nossos velejadores e clubes — sem excepções — pratiquem no Inverno o desporto da vela e organizem regatas locais e de projecção nacional, única maneira de termos velejadores de grande classe, bem treinados e em apurada forma para ventos brandos e rijos e capazes de defenderem sempre o bom nome de Faro e do Algarve, donde partiram as primeiras caravelas e que ensinou ao mundo a arte de velejar e de se servir do vento para navegar de encontro ao próprio vento.»

Estamos certos de que a efectivação de regatas de Inverno no Algarve solucionaria o problema de encontrar na Verão datas em que velejadores do resto do País ali possam ir. Seria um bem para todos.»

## CRÓNICA DESPORTIVA

# O Olhanense continua... mercê da sua esplendida ponta final saneando a crise profunda da equipa!!!

Em futebol também têm influência os factores raça e psicologia. A vontade gera a vitória muitas das vezes. Assim, a turma do simpático Olhanense renasceu como Fenix para as suas tradições de classicismo na Prova Máxima. Vai para um mês que os homens da camisola rubro-negra não conhecem o travo amargo da derrota, apesar de viajarem continuamente como um Ahsverus errante. Amoreira, Lumiar A, Arcos, Constituição — tudo ela torneou com a serenidade de um grupo inventivo. Até Setubal, onde a tradição e a derrota assistiam aos jogos de mãos dadas, o facto se não verificou desta vez. A necessidade é por vezes engenhosa e o popular clube algarvio depois da derrota pouco convicente que o Benfica lhe impoz inter-muros, dispoz-se a mostrar a vontade insuperável que remove montanhas! A base de um pensamento de jogo definido, a linguagem do seu association entrou a encontrar, na eloquência dos golos, o problema das vitórias.

Estamos mesmo a ver Grazina — a vontade e a veteranaria, renascidas em si próprio — incansável, batalhador, resolutivo, duplicado no

Um artigo de

António Augusto dos Santos

seu objectivo pela consistência dorsal da equipa. Sem descurar a coordenação devida ao bloco defensivo, foi ele, que, a presidir, com a sua experiência, a linha média, insuflou a vontade férrea aos seus dianteiros como a clamar-lhes: — *É preciso vencer!* em frases escritas no terreno, a poder de lances de energia primorosa. Mercê desta esplendida «ponta final», os 13 pontos duvidosos de há um mez converteram-se em 20 pontos sólidos, eficazes, ga antidores da sua continuidade entre o plano dos Maiores! Que se passa em presença deste rosário de triunfos (consideremos que um ponto alcançado fora é sempre uma vitória para o visitado)? Ataque a ditar a melhor defeza na base de uma ascensão nitida da forma de Cabrita? Meia defeza a subir em fundo moral no plano concepçionador da equipa? Defeza em revelante estado psicológico a que os últimos resultados a tem conduzido? Sistema adaptado às necessidades do «ouze», fundamentado na melhor estratégia de

efeito radical? É possível que este 4.º ponto seja o primordial, muito embora aliado aos restantes. Nós os portugueses (e por que não dizer os latinos?) sentimos os resultados como nenhum outro povo. O score é para nós um lenitivo gerador de faculdades, que embora as não possuamos, guindanos ao apogeu. O golo (tento) tem sempre influência no espirito de uma equipa quando esse ponto vem premiar a vontade firme de lutar. Em face da série gloriosa de cinco resultados positivos, o Olhanense deve ter acreditado em si próprio, aureolando-se do alento e da vontade insuperáveis.

O Campo da Amoreira foi o ponto de partida. Depois Arcos, Lumiar A, Constituição e Estádio Padinha — cinco páginas cheias de brilhantismo, a atestar que o grupo sabe querer... As jornadas a que se expôs tonificaram-lhe os reflexos e os souplesse de tal modo que, após um acto de justiça consoladora, com o levantamento da interdição do campo o grupo volta — o mesmíssimo grupo — desde Abraão a Eminência, a receber da gente olhanense as palmas vibrantes de fé clubista, loucas de delírio desportivo e molhadas de emoção por que o grande clube algarvio não deixará que o Algarve desapareça da I Divisão! Glória pois aos simpáticos rapazes da camisola rubro-negra!



Team de honra do Sporting Clube Olhanense

---

*Se estuda escrituração comercial ou frequenta algum curso de guarda livros, não deixe de adquirir «Prepara seu exame» — colectânea de 10 pontos de grande utilidade.*

*Pedidos à nossa administração ou à Editorial Jack, de Santarém.*

---

# Relação das provas em que participou o Ginásio Clube Naval, de Faro, com indicação dos triunfos alcançados

**Regatas do VII Centenário de Faro:** — Organização do nosso Clube na qual colaborou a Associação Desportiva da Brigada Naval.

Concorremos com: 3 Sharpies de 9 m<sup>2</sup>, 2 Snipes e 3 Vougas.

Outros concorrentes: Tavira Ginásio Clube, M. P. de Faro, Portimão e Tavira e Sport Lisboa e Faro.

Nestas Regatas o número de primeiros lugares pertenceu, na maioria, à Associação Desportiva da Brigada Naval, pelo seu valor superior em embarcações e mesmo em atletas, tendo nós obtido o primeiro lugar da classe «Vouga».

Observada a tabela de classificações podemos dizer que as posições alcançadas pelo nosso Clube foram bastante lisongeiras, dada a categoria dos competidores que participaram na prova.

**Campeonato Regional de Sharpies de 9 m<sup>2</sup>:** Organização do Sport Lisboa e Faro. Concorremos com três embarcações (52, 53 e 42) que alcançaram, respectivamente, os 3 primeiros lugares.

O título de Campeão Regional da Classe foi conquistado pelo nosso velejador Fernando Prazeres dos Santos.

Em complemento desta competição foi realizado um festival em que o nosso Clube participou, tendo alcançado os primeiros lugares em Sharpies de 12 m<sup>2</sup>, Snipes e Vougas.

**Campeonato Regional de Snipes:** — Organização do nosso Clube.

Concorremos com três embarcações (6440, 6442 e 5682) que obtiveram, respectivamente, o 1.º, 2.º e 7.º lugares.

O título de Campeão Regional na classe foi conquistado pelos nossos velejadores Jorge Leiria e António Silva.

Outros concorrentes: M. P. de Faro e Tavira, Sport Lisboa e Faro e Tavira Ginásio Clube.

Realizaram-se, também em complemento, provas das classes Vougas, Sharpies de 12 m<sup>2</sup> e Sharpies de 9 m<sup>2</sup> tendo o nosso Clube alcançado o primeiro lugar das duas primeiras classes.

**Campeonato Regional de Vougas:** — Organização do nosso Clu-

be e a que só concorreram embarcações nossas por não haver competidores de outros Clubes.

O título de campeão Regional foi conquistado pelos nossos velejadores José Barros, Fernando Carvalho e José Palhares.

**Campeonato Regional de Sharpies de 12 m<sup>2</sup>:** — Organização do nosso Clube.

Este campeonato não se pôde realizar por falta de número suficiente de concorrentes.

**II Cruzeiro da Ria de Faro:** — Organização do nosso clube.

Esta prova permite o concurso de todas as classes e tipos de embarcações, pelo que é feita pelo sistema de abonos. Tomaram parte, além das embarcações do Clu-



be e dos sócios, embarcações do Tavira Ginásio Clube, do Sport Lisboa e Faro e de particulares. Esta prova foi ganha pelo Snipe do nosso Clube n. 6440 que era tripulado pelos nossos velejadores Borge Leiria e António Silva.

Não desejamos passar á frente sem salientar o facto que muito nos agrada, do interesse crescente que esta prova vem despertando nos meios náuticos da nossa terra.

Pelo que temos visto e observado auguramos para esta competição maior desenvolvimento e muito interesse por ela.

Não posso deixar, ainda que não tenha o seu consentimento, de citar o nome da pessoa — ilustre director deste Clube — que tem dado a esta prova todo o seu carinho especial e que bem

se pode considerar o seu patrono — o Senhor António Correia Baptista.

**Festival Náutico em Tavira:** — Organização do Tavira Ginásio Clube. Concorremos com um Sharpie de 12 m<sup>2</sup>, 2 snipes e 2 vougas.

Alcançámos os primeiros lugares em todas as classes.

**VII semana da Vela em Lisboa:** — Organização da Associação Desportiva da Brigada Naval e do Clube Naval de Lisboa.

Concorremos com um Sharpie de 12 m<sup>2</sup>, um Sharpie de 9<sup>2</sup>, um Snipe e 2 Vougas.

Mais uma vez fomos a estas provas mercê do nosso esforço e do auxílio da Federação Portuguesa de Vela e da Associação Desportiva da Brigada Naval.

Representa esta participação um dos passos mais arrojados dos nossos velejadores, mas com prazer e sobretudo com legítima vaidade dizemos, que a nossa representação, além de nos honrar bastante, deu-nos, mesmo, situação de destaque.

E para que não se julgue que são palavras que apenas se escrevem e que não têm fundamento absoluto, diremos que entre concorrentes dos mais categorizados, entre os quais todos os Campeões Nacionais e um Campeão Latino, nós obtivemos, pelo saber, destreza e valentia dos nossos velejadores as seguintes classificações:

O Sharpie de 12 m<sup>2</sup> P/23 tripulado pelos nossos velejadores João Varela e Ludgero Correia conquistou o primeiro lugar numa regata e o 6.º lugar na classificação geral entre 15 concorrentes.

O Sharpie de 9 m<sup>2</sup> 9/42, tripulado pelo nosso velejador Emanuel Estevinha obteve o 7.º lugar na classificação geral entre 9 concorrentes.

O Snipe 6440 tripulado pelos nossos velejadores Jorge Leiria e António Silva obteve o 6.º lugar na classificação geral entre 28 concorrentes.

Não é demais destacar em especial, o esforço destes atletas pelo que representou o feito deles.

O Vouga V/9 tripulado pelos

«Três Fernandos — Prazeres, Carvalho e Costa — obteve, além do primeiro lugar numa das regatas, o segundo na classificação geral entre 10 concorrentes.

Além deste, o V/29 tripulado por Luis Varela, José Palhares e Jorge Moreira, tomou parte nesta competição tendo obtido o 5.º lugar na classificação geral.

**IV Regata Oceânica Lisboa-Faro:** — Decorreu, felizmente, esta prova com o brilhantismo com que se iniciou, tendo, tanto o elemento oficial como os concorrentes, concordado, unanimemente — palavras deles — que raramente é fácil encontrar uma organização tão completa e tão meticulosamente delineada. Muito ficámos devendo ao valiosíssimo concurso prestado pelo Governo Civil, Câmara Municipal, Comissão de Turismo, Capitão do Porto, Director do Posto Rádio Naval e Junta Autónoma dos Portos que se dignaram atender ao nosso pedido de auxílio e bem assim, à Imprensa, especialmente o jornal *Correio do Sul* cuja acção na propaganda da prova se deve destacar. Muito ficámos devendo às Ex.<sup>mas</sup> Senhoras que se dignaram escutar e satisfazer a nossa solicitação de colaboração, colaboração que foi inconfundivelmente útil e única, como só as senhoras o podem fazer.

Quanto à parte financeira foi ela má, como tivemos ocasião de expôr a Sua Excelência o Director Geral de Desportos a quem ousamos pedir um subsídio para cobrir o déficit verificado, com o qual contamos pelo conhecimento que temos do interesse e dedicação que Sua Excelência dedica a todas as modalidades do desporto. E, sendo assim, poderá o nosso Clube equilibrar as suas finanças e eliminar o déficit que a gerência, contra nossa vontade, se vê forçada a apresentar.

**Festival Náutico na Praia de Faro:** Embora não tivesse características de ordem técnica, pela circunstância da ausência dum número elevado dos nossos velejadores que se encontravam em Lisboa na VII Semana da Vela, foi, todavia, uma manifestação desportiva que merece figurar no plano modesto das realizações da Direcção a que tenho muita honra em presidir.

**TRABALHOS  
DE TIPOGRAFIA**

Executamos com a máxima perfeição e rapidez. Escreva ao nosso administrador.

Um mensário valioso!

Um documentário de interesse!

Um album magnífico!

# Revista d'aquém e d'além mar

Correspondentes em:

**Angola  
Cabo Verde  
Guiné  
India  
Macau  
Moçambique  
S. Tomé e Príncipe  
Timor**

em todas as  
**Ilhas  
Portuguesas**  
e nos países estrangeiros com «colónias» de portugueses: — Brasil, América do Norte, Argentina, Venezuela, Colômbia, Africa do Sul, Espanha, etc., etc.

*Colaboração de todos os  
portugueses do Mundo!*

FOTOGRAFIAS DE TODO  
O MUNDO PORTUGUÊS!

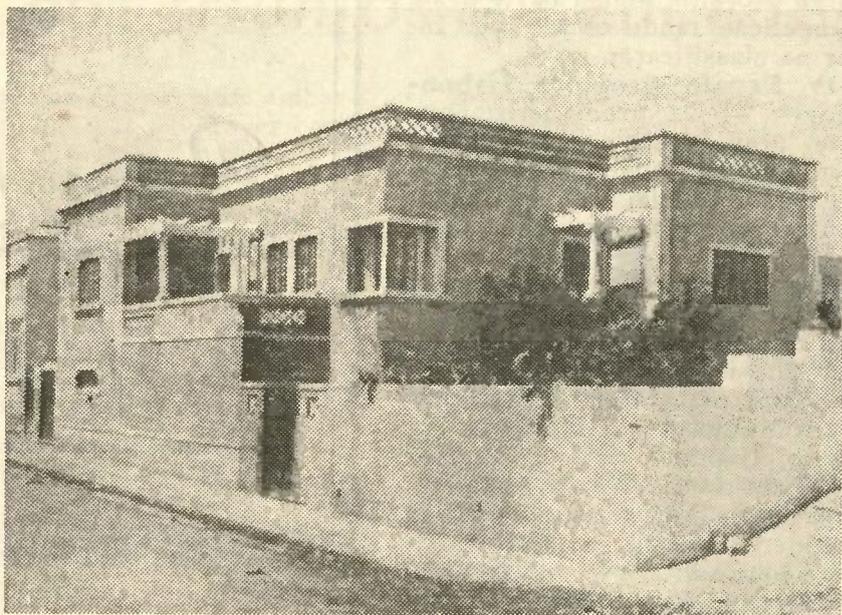
Correspondência para:

**R. Rodrigues Sampaio, 96-3.º Dir.  
L I S B O A**

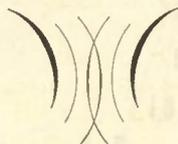
# A Mutualidade de Faro

**é um organismo**  
**que honra o Al-**  
**garve no campo**  
**da Previdência**

Depois de se ter projectado com a construção de dois magníficos edifícios residenciais, que vieram enriquecer o aspecto da nossa linda cidade de Faro, nestes últimos dois anos, o que bastante concorreu para debelar a crise de habitação que se sentia no nosso meio, prédios que atestam o progresso e solidez da Associação, acaba a Mutualidade Popular de marcar mais um passo na sua vida



**O PRÉDIO N.º 2**  
 de linhas simples . . . que é o encanto de muita gente . . .



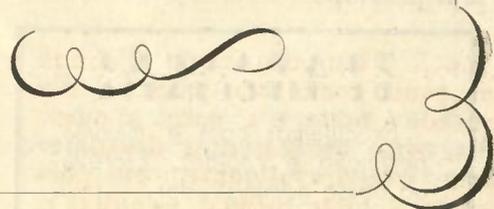
triumfal com a aprovação superior dos seus novos Estatutos que entrarão em vigor no próximo dia 10 de Maio do corrente ano.

Como se infere da nova lei estatutária vão os sócios num futuro próximo, começar a auferir notáveis regalias que reverterão a favor dos que lhe são queridos.

Produto dum trabalho importante, iniciado em 1940, os novos Estatutos da Mutualidade Popular representam a satisfação dum anseio dos seus serviços internos das Direcções que a têm gerido e do seu distinto associado e prestante cooperador e Actuário, Senhor Dr. José de Matos Correia, que ao serviço da Colectividade tem posto o melhor da sua boa vontade, das suas relações e do seu saber.



**O PRÉDIO N.º 1**  
 — Sede da Mutualidade Popular de Faro



# O Homem, o Tempo e o Destino

de CLEMENTINO DE BRITO PINTO

*(E' uma tarde límpida de primavera, na alvorada dos tempos. A paz desce sobre a natureza. O Homem está sentado, na atitude de quem medita profundamente graves problemas. Nisto levanta-se de súbito e exclama:*

— Não me compreendo — não me compreendo! Sinto que sou diferente, mas não sei bem quem sou. Eu contemplo os seixos polidos, rolados pela corrente — e nelles reina a tranquilidade. Olho para as árvores que me estendem amigavelmente os seus frutos maduros. Vejo as avesinhas que gorgem nas ramadas, e em todas elas noto sempre a mesma satisfação. Dentro de limites mais ou menos restritos, a sua existência passa-se normalmente, sempre com a mesma calma.

Tudo continua — eu tenho observado há um ror de anos — igual a si mesmo. As mesmas flores, os mesmos frutos, em cada ano que passa.

Mas eu sinto em mim uma centelha que luz, um anseio de não sei quê, sinto que tenho um caminho muito longo a percorrer, sem que possa descortinar claramente qual ele é. Numa palavra, não sei como será o meu Destino. Oh! Quem me dera conhecer-te!

**Destino**—*(Aparece imediatamente. Figura vaporosa, de traços indefinidos, que é algo, mas se percebe poder transformar-se noutra coisa qualquer).* Adivinhei os teus desejos, e estou aqui para te dizer quem sou e quem serei para ti.

Mas devo declarar-te, em primeiro lugar, que não depende de mim, mas de ti, o teu futuro. Não sou eu que traço para ti o rumo a seguir, mas és tu mesmo quem me dá o ser. Eu estou nas tuas mãos, sujeito ao teu alvedrio: podes plasmar-me à vontade — dentro dos amplos limites que Alguém te concedeu.

**Homem** — Compreendo de algum modo as palavras que me diriges, sem que possa atingir plenamente o seu significado. Sinto que para isso seria necessário muito tempo, que tardaria muito a adivinhar-me... O tempo, o tempo! Quando eu penso como tudo passa, o dia sucede à noite, e a noite a outro dia, como os instantes desaparecem irreparavelmente, eu pergunto a mim mesmo: — afinal o que é o tempo? — para que é o

tempo? Sinto que estou no tempo, que ando com o tempo, mas não sei o que o tempo seja.

**Tempo** — *(O Tempo surge na figura de um ancião, que mostra ter vivido já muito da vida, mas que no entanto apresenta sinais de poder durar muito mais tempo ainda).* Que queres tu de mim? Sabes quem sou? Porque passo depressa, e não me detenho no meu veloz caminhar?

Quem sou? Mas eu só sei que comecei a existir com o mundo, quando só reinava, imutável e imóvel, a eternidade.

Porque passo rapidamente? Mas não sou eu que passo afinal... São as coisas que passam por mim... Eu limito-me a contar o seu movimento, a situá-lo em determinada altura da sua rota...

Eu não sei bem quem sou, como tu também não sabes quem és.

Pois se tu só há pouco é que começaste a pensar em ti!

Não é verdade que contempleste primeiro a natureza inteira que te rodeia, pervagando por toda a parte o teu olhar perscrutador, e só depois te interrogaste a ti mesmo, num doloroso esforço introspectivo?

Sabes, tenho uma certa tendência para procurar adivinhar o futuro? E estou mesmo a ver como vocês os homens, hão-de estudar primeiro a sério todos os problemas dos seres que os rodeiam, e só muito tarde é que demorarão o olhar para si próprios.

Só muito tarde é que alguns de vocês, a quem cognominarão de filósofos, depois de, movidos da curiosidade de saber, terem procurado interrogar o porquê das coisas, sentirão desejos de saber quem são.

E assim seria em todos os séculos. Sempre um melhor conhecimento das coisas do que de si mesmos. Nunca te adivinharás, nunca te explicarás em ti mesmo, mas em Alguém superior a ti, que não é o Tempo nem o Destino...

*A doce melancolia da tarde, mais do que as palavras do Destino e do Tempo, restituem um pouco de serenidade ao Homem. O Sol morre agora no horizonte. O Homem estático contempla o disco de ouro que se vai sumindo lentamente. Sente tentação de prostrar-se diante da-*

*quele ser, do qual lhe parece que tudo, que tem vida na terra, está dependente.*

*Mas uma voz interior — que reconhece ser a voz da própria consciência, segreda-lhe ser criatura como ele, e ainda inferior a ele, por lhe faltarem os dotes de inteligência. A mesma voz interior lhe demonstra como por cima do sol e de tudo o que tem ser, se ergue Alguém que lhe deu esse ser que possuem.*

*As sombras da noite caem lentamente sobre a terra, ao mesmo tempo que no céu mil luzinhas se acendem.*

*Fitando a abóboda celeste, o Homem cai de joelhos, exclamando: Graças, meu Deus, porque me criaste. Sinto agora que, ao conhecer-Vos, também me conheço melhor a mim.*

*O tempo desaparece com o mesmo passo lento e cadenciado de sempre, e o Destino, ao lado do Homem, apresenta um aspecto mais definido, mais concreto, o que parece ainda mais aumentar, a calma que reina agora no coração do Homem.*

## Colaboradores

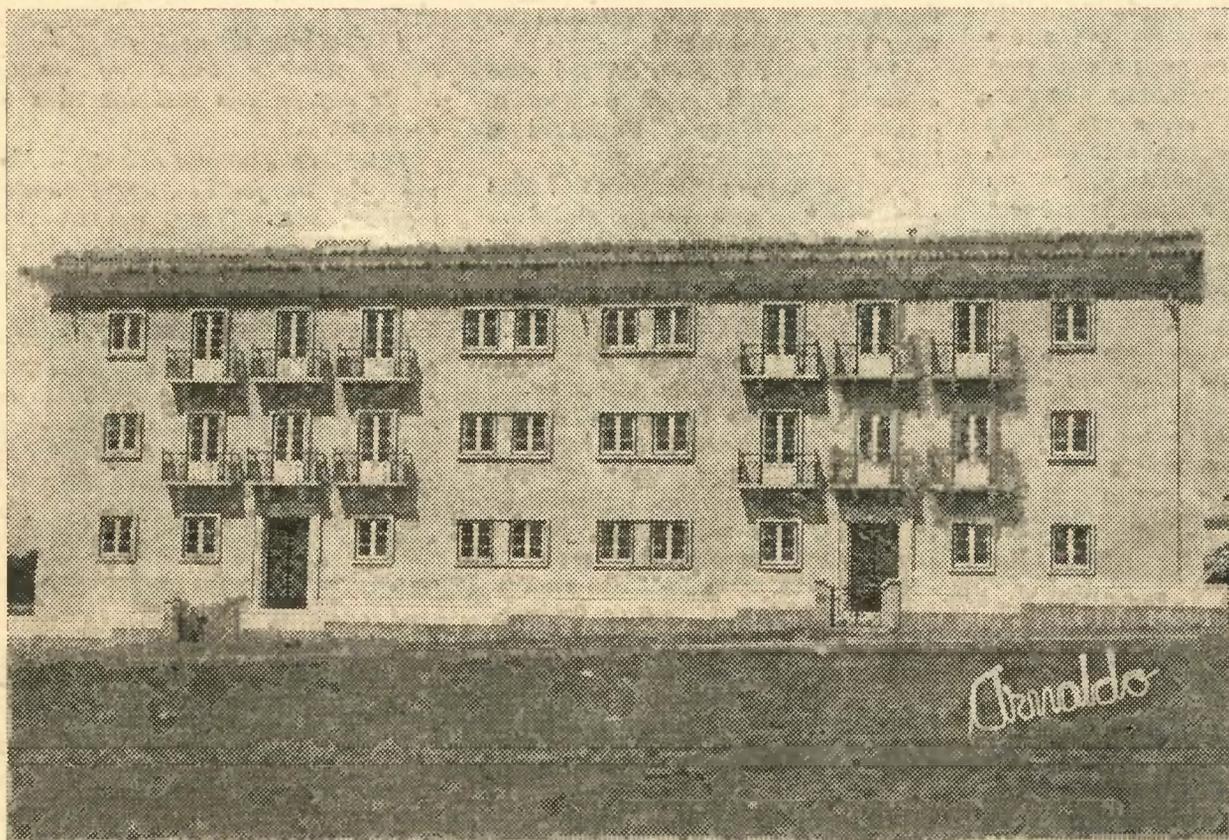
Necessitamos, em toda a Província, de colaboradores dedicados que nos queiram acompanhar na obra que iniciámos com a publicação da nossa Revista.

Principalmente em todas as cidades e vilas algarvias a existência de um colaborador é precisa para os nossos projectos, que são vários, destinados todos à propagação da Província, das sua belezas naturais e das obras levadas a efeito para o seu engrandecimento.

Agradecemos, pois, que os interessados se nos dirijam, fornecendo-nos os dados julgados convenientes para a sua identificação.

Aceitamos toda a colaboração que vise a propagação do Algarve e lembramos que, sempre que possível, deve a mesma ser acompanhada de fotos.

# Mutualidade Popular



O prédio n.º 4 — o último  
construído . . .

— ponto de passagem para  
novas realizações!